

FUNERAL DA FILOSOFIA

Marcos Satoru Kawanami



O trabalho FUNERAL DA FILOSOFIA de [Marcos Satoru Kawanami](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em <http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br>.

Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br>.

```
<a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.pt"></a><br />O
trabalho <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"
property="dct:title">FUNERAL DA FILOSOFIA</span> de <a
xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br"
property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Marcos Satoru
Kawanami</a> foi licenciado com uma Licença <a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.pt">Creative
Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada</a>.<br />Com base no trabalho
disponível em <a xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br"
rel="dct:source">http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br</a>.<br
/>Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença
em <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br"
rel="cc:morePermissions">http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br</a>
>.
```

“Andava solto pelo morro e ainda não amava nem odiava. Era puro como um animal e tinha por única lei os instintos. Descia as ladeiras do morro em louca disparada, montava cavalos de cabo de vassoura, era de pouca conversa mas de largo sorriso.”

(Jorge Amado; in: *Jubiabá*, cap. Infância Remota)

LÁGRIMAS DE CARPIDEIRA

A Filosofia é pretensiosa e inútil.

É pretensiosa porque tenta explicar o Universo do qual o filósofo é reles criatura; e mais: tem a intensão de aperfeiçoar o mesmo Universo, o que implica em um absurdo: a criatura aperfeiçoar o criador.

Afirmo que a Filosofia é inútil: em que o ser humano hodierno é mais feliz que "Adão e Eva", alegoria da Humanidade pré-histórica? Vivíamos no Paraíso. Violou-se a "árvore da sabedoria", ou seja, passamos do raciocínio prático para a especulação científica. Vivemos a Civilização. E basta observar a troca de palavras para lamentarmos quão descomunal foi nosso prejuízo: antes Paraíso, agora Civilização. Antes tínhamos um Deus (ou divindades), agora queremos ser Deus e, sendo que nunca o seremos, perdemos o caminho e o guia.

Paradoxalmente, a Filosofia prova sua perversidade: deu-nos a Civilização para depois apontar toda a miséria das relações civilizadas.

Todo o conforto da Ciência não vale o Paraíso perdido. Tínhamos a suprema sabedoria de não pensar para além da nossa fome; hoje nossa estultícia criou uma fome insaciável: a vaidade da Transcendência.

Ao mesmo tempo que a Transcendência parece libertadora ao rejeitar qualquer dogmatismo e ao considerar o ser humano como um "projeto infinito", este ideal de seguir sempre o "além-do-homem" não tem fundamento. Teria fundamento se o mundo fosse eterno, mas nem nosso planeta nem o Universo são eternos; a Ciência mesma o diz: por mais que a tecnologia consiga aproveitar a energia do Universo a favor da vida, esta energia se esgotará em um equilíbrio estagnado e estéril. De modo que considerar o raciocínio como instrumento de "perpetuação da espécie" não faz sentido, pois não há o que se perpetuar, não há eternidade para a matéria viva. O raciocínio só é proveitoso quando promove a felicidade, ou

seja, quando é usado para resolver problemas imediatos ao bem-estar fisiológico e afetivo. Assim, a Filosofia poderia satisfatoriamente limitar-se a pregar: achemos o que comer, e brinquemos igual crianças. Pensar além disso é buscar complicações artificiais e construir torres de Babel a embargar o caminho singelo da alegria. O ser humano tem o dom da consciência que o permite saber se é feliz; contemplar a felicidade é o melhor uso da consciência. Mas o fato é que a Civilização aí está com a dinâmica social de produção. E produz o quê? Produz inúmeras coisas, mas jamais produziu felicidade natural. Com certeza produz o vazio existencial, cada pessoa sendo transformada em peça da máquina econômica. Restou à consciência corromper-se: deixou de contemplar a felicidade que a Natureza lhe dava de graça, para lamentar a angústia que a Civilização lhe vende cobrando caro.

Contudo, só resta remediar o mal imperante; tentar reverter o processo civilizatório seria utopia: quem, por exemplo, se dispusesse a viver numa comunidade indígena autêntica, estaria à mercê da civilização predatória. No mais, onde quer que ele vá, o civilizado já vai contaminado por sua cultura. Como disse, resta remediar o mal; escarnecedoramente, um remédio é a Filosofia: do veneno se faz o antídoto. O outro remédio, mais forte e eficaz, ainda que compatível apenas com os privilegiados da Fé, são as religiões.

Mas, fora de qualquer religião, tenho fé na benfeitoria indiferença à Civilização e seus problemas. Serei um pré-histórico. Convivendo com a Civilização por necessidade, usarei do raciocínio apenas para o gozo imediato da existência. Aqui eu preparo um funeral, e os pensamentos que seguem arquivados neste livro são as flores murchas do passado que ofereço neste funeral: o Funeral da Filosofia.

6 de dezembro de 2001

Marcos Satoru Kawanami

TEOLOGIA DA COMPUTAÇÃO

O vivente sem um braço mantém a consciência de si, o braço não contém a sua essência. O vivente sem os olhos mantém a mesma consciência, os olhos não contêm a sua essência. O vivente que perde parte do cérebro, e volta a si, não tem sua essência em todo o cérebro, mas em alguma parte do que lhe sobrou do cérebro.

Daí, se isolássemos a parte do cérebro que detém a consciência de si do cidadão, e a mantivéssemos em condições vitais, estaríamos preservando a essência de um ser humano e o mantendo realmente vivo?

Então haveria de ser um pedaço de massa encefálica o ser humano em si, a sua essência?

Talvez, esta parte de cérebro seja um magnífico hardware onde atue o software que tenho por costume denominar alma.

E, caso este software não saia do hardware após a pane geral e cabal, será possível que uma espécie de antena transmita, em tempo real on-line, atualizações do vivente para um back-up superior? (Nhandeara, 29 de junho de 2012)

A gente não é fisicamente e quimicamente o mesmo que era na infância, ou mesmo há alguns dias atrás; os elementos de nosso corpo mudam e se renovam com o passar do tempo; mesmo o cérebro, que se mantém mais estável, muda e se renova com o tempo, conexões são feitas e desfeitas a cada instante entre os neurônios, e os elementos químicos entram e saem de lá.

De maneira que o hardware cerebral altera-se com o tempo, enquanto que o software alma mantém-se o mesmo; por isso mantemos a unidade da consciência de nós mesmos durante a vida, somos a mesma alma do começo ao fim da vida. (Nhandeara, 4 de julho de 2012)

BACK-UP DA ALMA

A memória do vivente é fixada no hardware cérebro, determinados danos ao cérebro levam a perdas de memória irreversíveis, de modo que a

alma em si não tem memória alguma; daí a necessidade de um back-up da memória cerebral ser transmitido em tempo-real on-line para um HD além do vivente, se for haver vida após a morte, seja ela espiritual ou em reencarnação do corpo com restauro da memória pregressa.

Quanto ao fato de o software alma estar presente para o funcionamento do hardware cérebro, parece correto afirmar que sim, pois, do contrário, o vivente não teria noção de si mesmo, não haveria consciência, e o cérebro funcionaria sim, mas como matéria viva sem uma visão externa de si mesma, como uma fileira de dominós que seguem derrubando-se uns aos outros sem transgredir a lei da causa e efeito: sem um dedo externo ao sistema que cesse a queda em seqüência, por exemplo.

Portando, penso que a alma é necessária para o funcionamento cerebral, mas não possui memória em si mesma, senão em um back-up alheio à alma para restauro da mesma em um corpo ressuscitado no qual confluam a mesma alma e memória, memória esta a ser copiada do back-up da memória da primeira vida.

Ou também podemos ser imagem e semelhança de Deus sendo essencialmente a consciência que dá sentimentos e noção contemplativa do mundo e de si ao vivente.

Nhandeara, 27 de julho de 2012

DUALIDADE SOFTWARE-HARDWARE DA ALMA

Conforme já exposto, a alma tem papel de software sobre o hardware cérebro. Contudo, no feto, ocorre a dualidade da alma, em que a alma exerce função tanto de software quanto de hardware: A alma é hardware ao atuar sobre o software DNA, fazendo com que as informações do DNA resultem em ações materiais na formação do cérebro; e a alma é software já atuando no cérebro do feto. Disto, pode-se supor que a cada célula que nasce em qualquer parte do corpo há atuação da alma enquanto hardware, e mesmo a reprodução de seres unicelulares são orquestradas por alguma forma de hardware que lê o software DNA.

Nhandeara, 15 de setembro de 2012

Nhandeara (SP), 9 de fevereiro de 2000

-1-

Uma razoável definição de Filosofia é a de que a especulação filosófica convirja para a arte de dizer o óbvio. Ocorre que uma descoberta qualquer só passa a ser óbvia depois que alguém a revela. A Filosofia elucida o óbvio, mas que só se torna evidente após a prova. Se tudo fosse óbvio à primeira vista sem prova, não existiria Filosofia. Coletam-se evidências; então, por meio da lógica, chega-se a um enunciado que se torna óbvio e que poderá servir de evidência para novas provas de enunciados. Às vezes surgem evidências que refutam enunciados anteriores, daí o “princípio da dúvida”. Assim, o Conhecimento é construído como um prédio: tijolo sobre tijolo, evidência sobre evidência. Portanto, nesta despretensiosa contribuição em prol do desenvolvimento intelectual, o leitor certificar-se-á que absolutamente tudo aqui registrado são revelações óbvias engendradas a partir de sóbrios e espontâneos devaneios. Deleitoso será cotejar suas próprias idéias com o que na presente obra se revelará, às vezes concordando, e muitas vezes talvez não. Enfim, isso é construir Filosofia.

-2-

Em meu livro, intitulado *Enredo do Mundo*, digo que as lições de vida são melhor aprendidas na prática, e a cada geração têm que ser

ratificadas. Isto já faz alguns anos, mas reafirmo o que foi dito concordando com a opinião de Herman Hesse, segundo a qual o aprimoramento da alma em hipótese alguma se alcança através de ensinamentos alheios. Assim, pois, se o leitor pretende sorver daqui ensinamentos definitivos, advirto que não paga a pena seguir estudando. Mas, se a meta ansiada for simplesmente estimular o pensamento independente, seu prazer, que consoante os antigos é a razão da vida humana, será satisfatório.

-3-

Um último esclarecimento e postulado:

A espécie humana chegou, desde há milhares de anos, a tal ponto de sua evolução em que se diferenciou drasticamente das demais espécies do planeta Terra. Esta distinção é caracterizada essencialmente pelos artifícios técnicos e a religiosidade inventados pela Humanidade.

Em comparação aos outros seres vivos, o ser humano tem uma vida artificial na medida em que, contraditoriamente, ele por natureza foge ao natural. A referida contradição gera um profundo conflito entre razão e instinto, civilidade e espontaneidade. Então, propõe-se: tudo que é natural é bom? Ou devemos persistir no artificial?

Quem conhece os benefícios do conforto oferecidos pelo artificial sabe que este é bom. Por outro lado, o que resta de natural em nossas vidas torna sustentável a própria vida devido aos instintos, pois o ente humano não é apenas razão, é animal também.

Sem radicalizar, seria de bom-senso usar tanto o que há de bom no artificial como no natural, valendo-se dos artifícios da técnica para moldar a natureza em favor da Humanidade, sem alijar das pessoas os instintos da

reprodução e sobrevivência. Porque a Natureza não domina plenamente a Humanidade, mas a Humanidade também não consegue fazer tudo que deseja da Natureza.

Vê-se, pelo exposto, a preocupação com o que é bom. No pensamento, o que vitalmente interessa só tem dois caminhos: bom ou mau.

-4-

Atualmente, um equívoco fundamental tornou-se corriqueiro nos colóquios entre pessoas do mundo inteiro. Está sendo banal a expressão “filosofia de vida” dando a entender que trata-se da Filosofia aplicada na arte de viver. Mas a tradução dessa suposta filosofia é tão-somente um ideal de conduta. A filosofia de vida é positiva, na medida em que impele as pessoas a pensar e desenvolver a ideologia coletiva em favor da paz sempre desejada, e harmonia da Humanidade.

Apesar do exposto, as filosofias de vida não têm relação direta com o princípio científico da Filosofia, ainda que dela tenham derivado. Como é do conhecimento geral, a Filosofia, tendo nascido na antiga Grécia, em sua origem abrangia o conhecimento genérico sem distinção, hodiernamente fragmentado nas várias ciências. Assim, a Filosofia propriamente dita, sem perder seu domínio régio sobre as demais ciências, atrofiou-se, restando a ela, porém, a tarefa de sugerir métodos racionais para orientar a pesquisa nos demais ramos do conhecimento.

Portanto, um modo mais apropriado de dizer “filosofia de vida” seria entendê-la como ideais de conduta; estes ideais já fogem do propósito científico da Filosofia inicial, entrando no campo religioso, pois são ideais de vida o que pregam todas as religiões.

Uma ressalva: a filosofia de vida distingue-se da religião, a partir do momento em que às vezes dissocia-se da fé. Não deixa, contudo, de ter um tanto de filosófico, porque enquanto houver um cérebro pensante existirá Filosofia.

-5-

Há um dístico de Fernando Pessoa: “Quer pouco, terás tudo; quer nada, serás livre”.

Realmente, quanto mais coisas a pessoa quer, mais complicada fica sua vida e a complicação tolhe a liberdade. Mas, por acaso, a liberdade é desejada? Ora, o desejo de liberdade já limita esta mesma liberdade, se concebida em todos os sentidos. Quem não deseja, portanto, nem a liberdade, contraditoriamente senão com ironia, é livre. Plenamente.

A liberdade tem sido enaltecida como um bem inalienável. Pelo visto, este deve ser um princípio a ocupar os legisladores do Estado para organizar com probidade a população. E, para ser introspectivamente livre, o indivíduo teria que renunciar até mesmo aos seus direitos, e nem idealizar a liberdade. Trata-se de utopia, pois, sem o desejo, cessam os objetivos que necessariamente dão vida à Humanidade.

Enfim, a limitação da liberdade é oriunda do próprio desejo de liberdade. Ser cidadão implica em não ter a ideal e grande Liberdade.

Apego a leis, apego a bens, apego a desejos. Não liberdade, mas apego é um fadário da existência. De agora avante, entenda-se por liberdade a liberdade subordinada a desejos internos e normas externas.

-6-

Os conceitos de infinito e eterno, há milênios, surgiram no pensamento humano. Eles se confundem, porque ambos denotam algo que não tem fim; entretanto, no jargão da Física, o infinito se aplica à continuidade interminável de um objeto material, enquanto que o eterno refere-se ao ideal de continuidade interminável de tempo.

O conhecimento até agora, permite dizer que o Universo é infinito mas limitado. Infinito porque o espaço vazio de matéria não tem fim, e limitado porque a quantidade de matéria total existente no Universo foi estimada a ter uma quantidade fixa.

Quanto ao tempo, pode-se facilmente concluir que, não sendo ele um constituinte do mundo material senão uma pura abstração intelectual, o tempo não pode ser aniquilado e, assim, o tempo é eterno.

Disso tudo, o que podemos aplicar na prática?, razão óbvia do interesse científico. Quando todas as estrelas houverem se apagado, reinando a treva total, e as energias luminosa, química e mecânica, estiverem se reduzido à energia térmica, será impossível a vida neste morno Universo, pois, sendo limitada a quantidade de matéria, mesmo sendo aplicada a relação entre massa e energia, em algum instante no tempo esgotar-se-ia toda massa energética disponível. A Humanidade poderia fugir da extinção fundando colônias em sistemas solares viáveis; isto a tecnologia permitiria, mas o fato de o Universo rumar para seu estado de mínima energia é uma fatalidade. Daí restar uma única saída para dar conforto à existência humana: a Fé em um mundo imperceptível além da morte.

Uma outra hipótese seria a de que, pela atração gravitacional, a matéria do Universo, já sem vida, iria se aglutinando em grandes quantidades de massa acelerando-se cada vez mais em direção a um ponto

de convergência onde, devido à tremenda velocidade de toda a massa existente, uma explosão daria início a um novo Universo viável para gerar vida. É o que pode ter ocorrido inúmeras vezes antes da formação deste nosso Universo conhecido. Mas esta possibilidade de renovação da vida é desprezível ante o alento sublimado das pessoas que têm o dom da Fé.

-7-

Recentemente, a escritora Gaby Hautmann anda apregoando pelo mundo afora que a relação sexual só atrapalha no matrimônio. Daí a seguinte questão: o que é mais necessário? Sexo ou casamento? Óbvio que, para a continuidade da espécie e pelo forte impulso instintivo, há que se eleger o sexo em primeiro lugar. Contudo, isso gera algumas implicações.

Se, por exemplo, o macho e a fêmea, ou pelo menos um deles for portador de algum defeito genético, a relação sexual com fim de reprodução é no mínimo irracional, senão cruel ao dar chance para o defeito ser legado à prole (embora a medicina esteja acabando com a seleção natural, e a Engenharia Genética prometa milagres). Existe, também, o sexo sem finalidade reprodutiva; isto é uma particularidade exclusiva do ser humano, o que dá ensejo a pensar se trata-se de um vício da hodierna civilização.

Quanto ao matrimônio, com ele surge normalmente a família, é uma instituição e, conforme está em voga dizer, a família que dele provém é a célula máter da sociedade. Então, pode-se questionar a razão de ser deste costume matrimonial. Imaginemos uma humanidade em que cada indivíduo possuísse ambos os sexos, igual aos caramujos de jardim. Num ato sexual entre dois caramujos não há distinção: acontece um compartilhar de gametas, e os dois caramujos são fecundados. Mesmo que assim fosse a

espécie humana, a necessidade de educar os filhos implicaria a união entre dois adultos; um encarregado de cuidar das crianças, e o outro encarregado de, colaborando com a dinâmica social, proporcionar o sustento da família.

Mas, voltando à realidade, o fato é que existem homens e mulheres, e suas anatomias os distinguem inclusive sexualmente. A mulher tem uma gestação, período em que compartilha da unidade com a criança; ela tem mamas para dar o alimento natural do recém-nascido; a mulher tem natural delicadeza física habilitando-a para o cuidado de crianças. Já o homem é desprovido de todos esses atributos, só restando-lhe a função extra-lar, na dinâmica da comunidade, trazendo para a família o sustento. É saudável que esta divisão de funções seja instituída; não por um costume social, mas por parecer harmônica e bem natural.

-8-

Agora, abordemos a estética, em particular, a musical. Debrucemo-nos sobre a obra “*Do Belo Musical*”, do músico e filósofo Eduard Hanslick.

Consoante foi dito anteriormente no primeiro item, uma razoável definição de Filosofia seria a de que esta é a arte de elucidar o óbvio. Exemplos temos vários; famoso é o episódio do navegador Cristóvão Colombo quando propôs que seus companheiros conseguissem a façanha de equilibrar um ovo verticalmente sobre uma mesa: todos acharam um absurdo, porém, quando ele obteve sucesso na proposição quebrando parcialmente uma das extremidades do ovo fazendo-o permanecer em pé, foi contestado com o argumento de que aquilo era fácil demais. Assim também ocorre com a Filosofia.

Em sua obra *“Do Belo Musical”*, Eduard Hanslick nada mais faz do que demonstrar uma verdade que, ao menos no seu tempo, o mundo ainda carecia de conhecer. A idéia principal e motriz de todo o livro é simples: A música tem beleza que não necessariamente determina um sentimento específico.

Para provar tal conceito não seriam pertinentes tantas recapitulações até mesmo prolixas; contudo, Hanslick enriqueceu bem seu texto com divagações filosóficas, as quais certamente despertam o raciocínio do leitor e satisfazem a coerência.

Mas, focalizando o que há de notável à luz da estética, Hanslick propõe a superlativa sublimidade da arte musical ao afirmar que as melodias são transmitidas de um espírito para outro por um meio de modo algum material, palpável, ou simbólico. Esta natureza sublime e totalmente subjetiva da música é que a diferencia das demais artes. A música é uma linguagem que todos compreendem, mas ninguém pode traduzir, é uma linguagem universal.

Em verdade, o compositor musical não pode ter a intenção de induzir deliberadamente um sentimento específico nas pessoas que ouvirão sua música. Isto porque uma melodia poderá estimular sentimentos, mas sua subjetividade implícita a desabilita de indicar qual sentimento todos os ouvintes devem sentir.

Consideremos uma melodia suave e harmoniosa. Ela poderá mover um ouvinte a sentir a plenitude da paz interior se para este sentimento ele já estiver predisposto; por outro lado a mesma melodia despertará tristeza em um amante despresado que no momento recorda sua amada; e ainda, se a dita melodia tangir os tímpanos de alguém que por acaso estiver a recordar um feliz acontecimento, esta pessoa poderá ser acometida pelo sentimento de nostalgia. Enfim, eis a subjetividade da música.

-9-

O humor, a comédia, o que é engraçado é bom? Segundo o pensamento de Friedrich Nietzsche, bom é o que desperta o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria potência. Existe a opinião dos que resumem o humor no sentimento de superioridade íntimo em relação ao ente ridicularizado e, portanto, engraçado; esta opinião crê que o humor tem algo de perverso. O que é perverso? É tudo que prejudique outrem.

O humor não necessariamente prejudica alguém; pelo contrário, esse dom estimula e revigora pelo prazer intelectual a volução de viver, resgata no ser humano desnaturado o benfazejo instinto de sobrevivência.

Tendo sido facultado ao ser humano a capacidade da consciência de si mesmo, o humor é uma riqueza particular de sua espécie; qual outro animal dá risada e acha graça? O humor é tão louvável que ele faz-se mais refinado quanto maior a inteligência da pessoa; evidência deste fato, conhecem bem os artistas, é ser muito mais difícil criar uma obra humorística do que em qualquer outro gênero. Para ilustrar: um cachorro pode manifestar alegria, tristeza, ou medo; mas no planeta Terra só as pessoas soltam agradáveis gargalhadas.

-10-

Um pouco de moral, mas trivial e quotidiana.

Consagradas pelo público e pela crítica, e imortalizadas com sambas como “Conversa de Botequim” e “Verdade Duvidosa”, as composições de Noel Rosa são um monumento à poesia musical. Noel, apelidado de Filósofo do Samba pelos seus contemporâneos, primou em criticar a

hipocrisia, que lhe parecia ignóbil. Exemplo são os seguintes versos do samba intitulado “Filosofia”:

“ [...]
Não me incomodo que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga,
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba
Muito embora vagabundo.
Quanto a você, da aristocracia,
Que tem dinheiro mas não compra alegria,
Há de viver eternamente
Sendo escrava desta gente
Que cultiva a hipocrisia!”

Sem entrar em discussão sobre uma moral a ser adotada, mas raciocinando serenamente, encontremos a influência da hipocrisia no desejo de bem-estar das pessoas. Praticar hipocrisia é defender uma moral mas não obedecê-la, é simular ser correto frente à sociedade, e não ser. Analisando os versos acima, entende-se que Noel Rosa mostra o hipócrita submetendo-se à hipocrisia por imposição de uma sociedade; desta submissão ele depende para manter-se bem, mas este bem obviamente é ilusório na medida que escraviza.

Também, para as pessoas de suas relações, o hipócrita, uma vez desmascarado, será rejeitado. Porque é preferível um infrator confesso, sendo seus atos previsíveis; já o hipócrita conspurca um valor irrefutável para diversos fins que é a verdade.

-11-

Há o costume de qualificar certas pessoas de egoístas. Porém, observando a natureza, conclui-se que todo ser vivo é profundamente egoísta, característica mais facilmente notada nos animais. Argumentar-se-á que uma formiga é um baluarte do altruísmo e de modo algum age movida por egoísmo. Realmente, em um formigueiro reina uma harmonia social invejável; mas se cada formiga colabora a vida inteira para a manutenção de suas companheiras, destas recebe em troca igual dedicação; ainda que apenas o instinto inconsciente controle as ações da formiga, o próprio instinto é egoísta na medida que, em tal ser irracional, somente o instinto pode beneficiar sua existência. Está no instinto o princípio do egoísmo.

A humanidade evoluiu superando os outros animais a ponto de dar o pretencioso nome de *Homo sapiens* à sua espécie. Apesar da razão imperar em nós, resta bastante do velho instinto ancestral; daí o motivo do egoísmo desprezar todas as religiões e morais. Vivendo em sociedade regida pela moral e bons costumes, alguns indivíduos ultimamente declaram-se amorais para praticar sem pudor o natural egoísmo; apologia disso fez Mário de Andrade com seu livro “Macunaíma”, o herói sem nenhum caráter. A verdade é que, à semelhança de um grande formigueiro, a humanidade mesmo na prática do altruísmo e até no despojamento religioso não se livrou do instinto de egoísmo. Inclusive o elevado plano da plenitude espiritual será alcançado através do egoísmo, pois ele gera a vontade de bem-estar. Em fim, tudo que é bom para as pessoas tem um responsável chamado egoísmo. A façanha consiste em usar este instinto com astúcia: burlando a moral e as exigências das convenções.

-12-

Desde tempos imemoriais, a humanidade inventou o conceito de divino; espíritos virtuosos e malignos pairavam no imaginário das tribos primitivas; e a polaridade bem versus mal ocupa o pensamento religioso até os dias de hoje. Não parece pertinente descobrir a definição de Deus, ou mesmo sua existência, sendo algo além da razão; muito palavrório gastou a Teologia medieval travando litigiosas discussões acerca do divino. Mas a seguir dou um relato pessoal da experiência que adquiri quanto ao, conforme se diz, mistério da fé.

Durante minha meninice e adolescência, nunca me questioneei sobre a existência de Deus. Além de ter tido uma formação católica, aceitava a prova de Descartes para a existência de Deus, na qual ele diz que se Deus não existisse não haveria por que existir a Idéia de Deus. Aos dezoito anos, porém, quando comecei a estudar Astronomia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sofri muito numa crise em que eu queria continuar acreditando, mas já passava a desacreditar em Deus. Pensava: “Quero crer em algo divino para me confortar com a certeza da minha própria imortalidade enquanto alma —isto é mesquinho!” E sofri demais por não me achar merecedor da vida eterna. Também pensava: e se a tivesse, ficaria louco de tanto viver. Nesta época li as biografias de Santo Afonso, São Francisco de Assis e Santo Antônio, o que apaziguou minha inquietação. Seria mais lógico eu ter, em primeira instância, confiado nos sinais divinos que nos deu Jesus Cristo, mas o que mais me maravilhou foi a natureza e a prodigiosa quantidade de milagres que realizou o taumaturgo Fernando de Bulhões, Santo Antônio de Lisboa. Por que acreditar em Fernando, e fraquejar quanto ao maior, o Cristo? Talvez pela maior proximidade de tempo. Mas a devoção a Santo Antônio fez reafirmar minha fé em Jesus; isso que é importante, e que para mim bastou. Por isso aconselho a leitura

da biografia dos santos, para firmar a fé e seguir o virtuoso exemplo. Mas a fé não dá explicação racional, nem é espontânea a todos. Então, partamos para uma explicação mais racional.

Depois de permanecer um semestre na Astronomia, ingressei no curso de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto. Até então, seguindo o que ensinam no curso secundário, o modelo atômico que tinham me ensinado era o de que o átomo constitui-se de um núcleo, onde estão agregados prótons (carga positiva) e neutrons (sem carga elétrica), e de uma eletrosfera onde partículas chamadas elétrons orbitam a uma imensa velocidade ao redor do núcleo. Primeiro eu questionava qual a força que unia prótons e neutrons se o neutron não tem carga oposta ao próton; segundo, como os elétrons (de carga negativa) não perdiam sua energia cinética com o passar do tempo até se grudarem aos prótons? Estudando Física na engenharia me explicaram que o que une as partículas do núcleo é a maior das forças, a força nuclear; disse o professor também que o elétron na verdade não é apenas uma partícula, mas uma dualidade matéria-onda cuja natureza permitia que não colapsasse para dentro do núcleo, pois a onda eletromagnética se auto-induz, auto-alimenta-se. Provavelmente existe uma explicação melhor. Existiram alguns modelos atômicos antes do atual, e pode ser que este um dia venha a ser refutado. De qualquer forma, qual a origem da força nuclear? Quem não tem fé ou não acredita em milagres talvez possa achar Deus no que a ciência desconhece. Enfim, aconselho a prática do bem, pois mesmo em uma concepção atéia de mundo, sempre remanescerá a nossa consciência, e o bem traz paz à consciência e por si só nos dá alegria porque preenche a nossa necessidade de realização. Quando fazemos algo bom nos sentimos realizados, e isso é alegria. Que é o bem? É algo intuitivo. Deus não poderia residir nessa intuição? A nossa própria consciência pode ser indício da existência de Deus.

-13-

Muitas vezes podemos ser discriminados e rejeitados devido a preconceitos de outrem. É natural que sintamos ódio de quem nos maltrata; não precisamos reprimir este sentimento, porque assim procedendo contrariaríamos a natureza, o que apenas nos traria mais angústia. O que podemos fazer é não discriminar ninguém sem causa justa, e estarmos sempre prontos para a reconciliação com quem nos rejeita. Assim, apesar de sofrermos a agressão, não nos igualamos aos agressores e mantemos nossa virtude, um bem maior.

-14-

Falar sobre pais ideais e amáveis não auxiliaria em nada, a questão está nos pais que criam problemas aos filhos. Há pessoas que nunca tiveram problemas com os pais, o que é excelente! Mas normalmente os problemas aparecem, mesmo porque tanto eles como os filhos são seres humanos e, portanto, sujeitos a falhar ou simplesmente ter opiniões divergentes. A palavra chave neste caso é compreender, não no sentido de perdoar ou esquecer, mas no sentido de entender as causas e as razões. Cada caso é muito particular, não cabendo aqui explicar cada um; mas pode-se generalizar de forma razoável. Primeiro, nossos pais nasceram em um outro tempo, conviveram com outras idéias, e tiveram experiências diferente das nossas. Segundo, eles também são inexperientes, pois estão criando filhos pela primeira vez, e por serem falíveis, como nós, erram. O que podemos fazer é conversar com eles e descobrir o motivo que os leva a agir de determinada maneira que nos desgosta. Partindo daí, comparando

nossos argumentos com os deles, descobriremos quem ou se ninguém está com a razão.

Às vezes um pai ou uma mãe ou ambos são realmente maus. Neste caso devemos pedir auxílio a uma autoridade civil para intervir conforme a gravidade do caso. Não há por que ter medo de fazer isso.

-15-

Não a caridade hipócrita decadente, mas a caridade reestabelecadora da soberania individual. O que vem a ser caridade? É uma virtude prática e social. Por ser prática, é uma virtude de primeira grandeza, pois na ação reside a prova da boa intenção, e esta ação refletirá direta ou indiretamente na sociedade. Bom, portanto, é praticar a caridade.

Podemos fazer caridade dando auxílio material e espiritual a alguém ou a um grupo de pessoas. O auxílio material é o mais fácil de dar, mas no caso de crianças, adolescentes, e jovens ele será um tanto inviável e até pouco válido, já que esta faixa etária depende do dinheiro dos pais. O auxílio espiritual tem natureza mais laboriosa, pois depende do nosso esforço intelectual de confortar; e este auxílio pode ser até mais valioso que um bem material, pois, por exemplo, um agasalho dado a um infante em crescimento logo não servirá mais nele, e se um outro agasalho for dado a um adulto, o uso ao longo do tempo também o tornará imprestável; mas uma palavra convincente fica na memória e conforta por mais tempo.

São João da Cruz nos dá o exemplo da mais bela caridade. Quando ele via alguém triste, conversava com esta pessoa para tentar resolver seu problema, e só a deixava quando a via completamente restabelecida. A caridade está ao alcance de todos! Dá alegria tanto a quem é confortado quanto a quem conforta.

-16-

Por que existimos? Na verdade, a razão essencial para nossa existência somente quem nos criou é que sabe.

Mas uma boa razão para existirmos é criar, ou admirar o que a humanidade e a natureza criaram.

Por vezes alguém pode se sentir imprestável. Ter pena de si mesmo é perda de tempo. Sejam pragmáticos, há um problema que será resolvido. O problema é uma carência de realização. Como já foi dito, uma forma de realização é a prática do bem, que está dentro das possibilidades de todos. Algo que não é tão fácil, mas nem por isso deixa de ser uma opção, é nos tornarmos virtuosos em alguma atividade. Um amigo chamado Dario tornou-se virtuoso em lidar com computadores, e sanou sua antiga crise existencial. Podemos nos aperfeiçoar em outras coisas como tocar um instrumento musical, esculpir, escrever, pintar, ou cantar. Estas coisas dão alegria.

-17-

A timidez é um estorvo? Isso não é uma singularidade nem um defeito. Há tímidos no mundo inteiro, de todas as raças e idades. A timidez é volúvel: alguém é tímido agora, depois fica extrovertido, ou vice-versa. Ser tímido tem até uma vantagem. Muitas vezes a timidez evita que nós falemos bobagens. A timidez não pode, contudo, impedir que realizemos nossos desejos; aí entra a força de vontade para falar ou fazer o que deve ser feito na hora exata, depois podemos voltar a ser tímidos sem nos angustiarmos com isso. Aquela força de vontade se adquire com a prática. Tente ensaiar várias vezes o que deve ser dito. Mas se o caso requerer

improvisação (for algo inusitado), ou requerer uma ação, tente ser realista e lembrar que as pessoas com quem nós lidamos têm as mesmas necessidades que nós: dormem, comem, defecam... e não são nenhuma semi-divindades.

Assim, preocupar-se com a timidez é algo vão, além de ser uma forma de tolher gratuitamente nossa alegria e liberdade.

-18-

É natural a pessoa desejar ser bela. Ela intuitivamente acredita que a beleza atrairá simpatia, e isso a favorecerá. Fora este aspecto, a vontade de ser bela é um desejo em si, por mera vaidade, o que não tem nenhuma conotação negativa já que não visa prejudicar ninguém.

Existem modelos de beleza. Eles variam com o tempo e de sociedade para sociedade. As opiniões sobre beleza também variam de pessoa para pessoa; o que quero dizer é que nem todos seguem o padrão de beleza estabelecido por sua comunidade. Conheço pessoas que eu julgo feias e que, no entanto, despertam minha simpatia e a de outros, pois estão sempre rodeadas de amigos. E existem pessoas que julgo belas, mas cuja beleza desperta inveja em seus companheiros, o que a faz rodeada de falsos amigos e até de inimigos. Não se entenda que a beleza prejudica, ela é desejável; mas angariar simpatia está mais no que dizemos e fazemos do que apenas em nossa aparência física.

Se temos alguma deformidade corporal, nem por isso haveremos de estar nos lugares públicos com receio que os outros nos notem. Qual a razão? Os outros estão com a mesma preocupação nossa, não somos diferentes. Os outros estão mais preocupados consigo mesmos. Aproveitemos esta liberdade que nos é dada, e sigamos livres!

-19-

Existem duas qualidades de inveja: a construtiva e a destrutiva. A primeira provém da admiração e desperta a vontade de aperfeiçoamento ou esforço para atingir uma meta. A segunda apenas desperta angústia ou ódio, o que não nos acrescenta em nada. Procuremos, então, invejar construtivamente. Para isso temos inicialmente que nos convenceremos de que temos qualidades suficientes para não precisar invejar, basta lembrarmos das boas coisas que realizamos. Mas se a inveja vier, e usualmente ela vem por espontaneidade, busquemos a amizade de quem invejamos. Assim, teremos mais chance de aprendermos como suprimir nossa inveja (que é um estado perturbador e, pois, indesejável), e ainda teremos a felicidade de ganhar um amigo ou amiga. Como com a maioria das surpresas que a vida nos oferece, usemos a inveja para o nosso incremento pessoal, social, e moral. Entendendo-se por pessoal o bem-estar da alma; social o relativo à amizade; e moral o referente ao aprendizado que nos permite extrair de uma inquietação como a inveja algo favorável e construtivo.

-20-

Não me venham com o sofisma desta bela frase de que o trabalho enobrece a alma. Para princípio de conversa, a nobreza não trabalhava... E observando a etimologia da palavra Trabalho, vemos que ela deriva do latim *tripalium*, que era um instrumento de tortura. O que enobrece a alma é a prática do bem, que é uma forma de trabalho mas sem denotar tortura, pois quando praticamos o bem não estamos nos submetendo a um

explorador do trabalho alheio; assim, não há tortura pois estaremos exercendo justamente nossa liberdade.

Porém, na prática, o trabalho é uma necessidade. Ele nos priva de muito tempo de lazer, mas é necessário para nos mantermos dignamente. Então, para suavizar o trabalho, escolhamos uma profissão por livre vontade, seguindo nossas inclinações, sem deixar que nada nos influencie. Se não tivermos o privilégio de escolher a profissão adequada, mas o trabalho que conseguimos nos oprime, deixemo-lo, mesmo que isso implique em termos que pedir comida de casa em casa até acharmos um trabalho mais adequado.

Por último, gostaria de esclarecer que o trabalho público ou religioso é preferível ao trabalho para particulares, porque quem trabalha para o Estado serve a todos, e o trabalho religioso é busca de virtude.

-21-

Em muitas de nossas ações quotidianas devemos ter a consciência de que fazemos parte de um todo chamado Natureza. Sendo parte dela, conseqüentemente temos que agir para seu benefício, não por um simples impulso altruístico, mas por uma razão até muito egoísta: nossas ações em relação à Natureza refletir-se-ão diretamente em nossas vidas.

Principalmente o jovem rural tem prazer em caçar animais silvestres. Fazendo isso ele contribui para a extinção de algumas espécies, o que refletirá no sistema ecológico na forma de um desequilíbrio. Este desequilíbrio pode acarretar a proliferação demasiada, por exemplo, de insetos destruidores das plantações. E isso prejudicará tanto o ser humano rural quanto o urbano.

Os jovens em geral não têm uma ação efetiva na sociedade, mas um dia terão. Pois quando este dia chegar, e se por acaso depararmos com um problema ecológico, demos preferência à Natureza em vez do crescimento econômico. Porque a Natureza é um bem vital, e devemos cuidar dela como sendo extensão de nós mesmos.

-22-

Existem dois tipos de prazer: o prazer dos sentidos e o prazer da alma.

O prazer dos sentidos é efêmero, cessa tão breve desapareça o estímulo percebido pelos sentidos.

O prazer da alma resulta do bem-estar induzido pela consciência de realização e auto-estima. Este prazer é mais perene, pois fixa-se na memória e pode ser lembrado de tempos em tempos. Como consegui-lo? Abituando-se na prática da virtude ou criando. Criar pode trazer frustrações se não tivermos aptidão para criar, ou se não nos agradar o que criamos, ou se desejarmos o reconhecimento dos outros quanto ao valor de nossa criação e não o obtivermos. Já a prática da virtude está ao alcance de todos, e certamente nos dará prazer e alegria.

-23-

A opinião é a nossa concepção subjetiva sobre determinada questão ou objeto. Por ser subjetiva, ela varia de indivíduo para indivíduo. As opiniões são espontâneas ao ser humano, e surgem a todo momento em relação a tudo quanto percebemos, mas a maioria não chega a ser

consciente. Porém, as opiniões pertinentes a coisas de nosso interesse emergem rapidamente à consciência. Estas opiniões é que são importantes e devem ser comunicadas preferivelmente a um amigo para serem discutidas; através da discussão teremos oportunidade de refutar ou eleger uma opinião como sensata. Ter opiniões próprias não significa ser um excêntrico, mas é importante para guiar nossa conduta com liberdade; como diz o lema do estado de São Paulo: “Não seja conduzido, conduza”.

Muita gente tem dificuldade de expressar suas opiniões. Isso pode ser aprimorado questionando nossos sentimentos e desvelando suas razões, nestas razões é que encontraremos a opinião. Daí, basta ter a vontade de firmá-la a nível de consciência.

Quanto à opinião alheia, ela é relevante até certo ponto. Por meio dela podemos ponderar nossas próprias opiniões para verificar o que se aproxima mais da verdade. Isso não diz respeito é claro sobre questões como a beleza, as quais são intransitoriamente subjetivas. Chega um ponto, contudo, em que a opinião alheia tira nossa liberdade; isso podemos sentir quando passamos a agir de maneira contrária à nossa vontade para estar de acordo com a opinião de outra pessoa ou de um grupo, o que não é desejável e tem que ser evitado.

A opinião pessoal é um princípio de liberdade.

-24-

Há que se ter otimismo. O pessimismo só degrada e aniquila.

O então presidente dos Estados Unidos da América, senhor George Bush, alguns anos atrás, à época da queda do muro de Berlim e desagregação da União Soviética, proferiu um discurso infeliz. Falava ele de uma “nova ordem mundial”. Absurdo?!, a polvorosa foi grande. Muitos

acreditaram, e com fundamento histórico, que este presidente da maior potência econômica e militar do planeta queria impor definitivamente a submissão de todas as nações ao jugo norte-americano.

Hoje, quase dez anos depois (ano 2000), qualquer analfabeto repete maquinalmente qual um papagaio as seguintes expressões: “o mundo está globalizado”, “vivemos o fenômeno da globalização”, “estamos numa aldeia global”. Daí a questão: por acaso não seria esta ideologia da suposta globalização mais uma armadilha da estratégia econômica e antropófaga dos Estados Unidos da América? Em verdade, eles podem muito, mas não podem contra o mundo inteiro. O que está acontecendo é uma transformação até benéfica. Os países pobres estão definitivamente assumindo seu papel de colônia, no sentido filial e despreocupado, enquanto que os países prósperos assumem o controle intelectual. Para o indivíduo de qualquer nação, isso será bom, pois já faz-se claro o intercâmbio monetário, cultural, e de recursos humanos. Se tudo correr serenamente, em pouco tempo a antiga utopia de um mundo sem fronteiras será realidade. As diferenças raciais e o patriotismo, que tanto causaram sofrimento e guerra, serão vagas lembranças tristes do passado. Enfim, eis que já nascem os cidadãos do mundo!

Há que se confiar na bondade e instinto de auto-preservação da espécie humana.

-25-

O que é a amizade? A natureza dos relacionamentos amistosos depende de situações cuja variedade é inumerável. Sem buscar deliberadamente a simplicidade, pode-se traduzir a amizade em uma relação de trocas. Toda troca envolve mercadorias ou serviços; no caso da

amizade, ocorre troca de favores. Mas, e quanto ao carinho e compreensão envolvidos na amizade? São favores (serviços) que se presta ao amigo, e dele se recebe. Em uma relação mais íntima e passional, além das mercadorias amistosas, troca-se sexo por sexo. Esta é uma concepção fria, calculista, e demasiadamente egoísta da amizade. Assim, amizade seria algo muito superficial. Todavia, é o que mais se tem visto campear pelo mundo afora. Todo ser vivo é egoísta por excelência.

O sentimento de amizade verdadeiro não envolve qualquer troca, porque pode ser unilateral, ou seja, uma simpatia não necessariamente correspondida; mas obviamente aí não há uma relação plena de amizade.

Pode-se especular que a amizade embasa-se em experiências de vida compartilhadas. Porém, essa base é artificial na medida que depende de recapitulações do passado, enquanto que o importante é bem viver o presente, e nem sempre é possível fazer constante no presente experiências marcantes em prol da amizade.

Existe uma distinção entre sentimento e razão. A razão é o meio pelo qual os objetos são explicados. O sentimento é qualquer impulso psíquico irracional, em outras palavras, os sentimentos são objetos que não têm explicação. A partir do momento que surge razão para um sentimento, este deixa de ser autêntico.

Por isso, uma relação amistosa ou passional é tão mais fundamentada quão menos puder ser explicada.

-26-

Um neologismo que está muito em discussão é a Bioética. Com o advento da técnica de clonagem de seres vivos superiores, e, em particular, a possibilidade de clonagem de seres humanos, a questão da ética no

tratamento da vida pela ciência moveu humanistas da comunidade internacional a condenar a referida técnica se aplicada na reprodução humana. Mas não podemos repelir gratuitamente o progresso científico sem antes aproveitar o que há de bom nele. Imediatamente se pensou que a clonagem tornaria possível a criação de legiões de pessoas geneticamente escravizadas a uma função determinada pelos clonadores. Óbvio que isto seria uma monstruosidade inaceitável para a bioética.

Contudo, a clonagem humana não é de todo uma perversão, um pecado contra a natureza, apesar de contrariar a natureza; mas, como já foi dito, a humanidade, por natureza, há muito tempo contraria a natureza e tem sido bem sucedida (só não se sabe até quando). A bioética pode ser tolerante quanto à clonagem humana, por exemplo, no seguinte caso: Um casal legalmente unido deseja ter um filho sem quase nenhum defeito genético; então, clona-se um indivíduo bem constituído, com a livre anuência deste e da fêmea que abrigará o feto durante a gestação. A criança que nascer será entregue ao casal que a deseja e que se obriga pela força da lei a proporcionar-lhe uma educação saudável. Neste caso, a clonagem representa além de um progresso científico, um benefício social.

Quanto às cobaias de laboratório, a bioética não pode se opor a experiências feitas com animais em prol da saúde e bem-estar humano; fundamento está nas notáveis descobertas do russo Pavlov devidas à manipulação de cobaias. Afinal de contas, o que vale mais: um punhado de ratos e coelhos ou toda a nossa espécie humana?

-27-

Disse Ernest Hemingway que, por mais justificada que seja, a guerra sempre será um crime.

Da mesma maneira, nenhum objetivo justifica maltratar um ser humano.

Uma mulher da raça negra, nascida no estado da Paraíba, sofreu, por toda sua infância, discriminação racial, sendo maltratada por ser negra. Mudou-se para o estado de São Paulo, onde foi constantemente ofendida por ser da região Nordeste; mas o sacrifício revigorou sua vontade de prosperar, e, concluindo os estudos secundários, conseguiu uma vaga na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América. Neste país, logo padeceu humilhações por ser estrangeira e negra. Hoje, porém, esta mulher é doutora em Física, e bem sucedida profissionalmente.

Os masoquistas e sádicos querem sempre inculcar a idéia de que os objetivos são alcançados pelo sofrimento. Mas prova do contrário é que aquela mulher conseguiu ser doutora em Física porque ela já nasceu com a capacidade para tanto (sem a qual poderia sofrer de tudo, mas não chegaria lá); os sofrimentos que a ela foram impostos são mera facticidade, pois sua capacidade inata poderia com muito mais saúde ser estimulada num ambiente tranqüilo, e por meio de elogios quando meritosos.

Assim, uma mulher negra, nordestina, oriunda dum país subdesenvolvido como o Brasil, destacou-se no mundo próspero. Mas nada justifica as agressões inflingidas a sua pessoa.

Tudo isso devido ao poder da maioria, ou seja, a Democracia: a Ditadura da Maioria. O poder, sob controle da maioria, subjuga, contraria, e impõe discriminação às minorias.

Quiçá, num mundo globalizado e sem fronteiras, cada grupo social e ideológico poderá agregar-se livremente; aí, sim, teremos a verdadeira democracia absoluta. O poder só é legítimo quando elegido por unanimidade!

-28-

A ternura, sendo um sentimento, apesar de ser identificável, não pode ser explicada precisamente; mas, é possível evidenciar sua origem. Esta encontra-se no instinto materno, o qual não é privilégio das fêmeas.

Podendo a ternura acometer qualquer pessoa, muitos homens conseguem transcender sua condição de macho, e sentir ternura. O instinto materno é despertado pela contingência do enternecido ter que proteger um ente necessitado, num caso específico: a criança. Todavia, o ente necessitado pode ser uma pessoa frágil, ou mesmo um cachorro inofensivo (pois um cachorro feroz não desperta nem necessita de ternura).

Contudo, do mesmo modo que a mãe, às vezes rejeita a prole, a ternura nem é sinônimo de instinto materno, nem é uma lei inviolável. Um criminoso sanguinário, por exemplo, é uma pessoa carente de reabilitação, mas nunca despertará ternura; uma criança pobre e feia é carente, induz piedade, mas também não em todos provocará ternura. Isso porque a ternura depende da estética pessoal de cada observador, e da egoísta expectativa de gratidão.

Com ternura, alguém afaga seu cachorrinho acreditando que este animal “é o melhor amigo do homem”, e afaga o cachorro porque aguarda e tem a certeza da retribuição em forma de fidelidade e companheirismo; ou ainda: pelo prazer imediato da carícia.

-29-

O pensamento é uma propriedade comum aos indivíduos humanos. O pensamento é a ferramenta, enquanto que o conhecimento é ao mesmo tempo a matéria-prima e o produto do pensamento, pois a partir do

conhecimento entra em ação a atividade pensante para chegar à conclusão de mais conhecimento. E, sendo óbvia a vantagem do conhecimento em prol da vida, tem-se que o pensamento é bom. Do contrário, pensar seria algo enfadonho e despropositado.

O pensamento confirma que realmente o ser humano é conduzido por natureza a formar sociedade, donde adquire conhecimentos para orientar seu raciocínio na solução dos problemas propostos durante a existência.

Assim, é saudável que as pessoas recebam conhecimento dos pais, constituam família, eduquem seus filhos, cuidem dos idosos, e finalmente sejam amparadas na velhice.

-30-

Um famoso poeta de Portugal disse, durante o século XX, que “Quem pensa é doente dos olhos”. Ele disse isto talvez dando a entender que o pensamento serve para corrigir uma possível incapacidade de enxergar perfeitamente a realidade. Mas, muito pelo contrário, somente quem tem preciso entendimento da realidade é capaz de transcender o simples sentido da visão para formular idéias por meio do pensamento. O referido poeta português, explicitamente: Fernando Pessoa, reconhecendo-se aqui seu incontéstil vigor intelectual, ao formular a frase de que quem pensa é doente dos olhos, no caso, valeu-se de uma liberdade poética; senão, estaria fazendo gratuita apologia da demência. Senão, ainda, a natural capacidade de pensar seria má. Porém, isto não procede, visto que é pensando que torna-se viável a solução dos problemas desde os mais cotidianos aos mais abstratos ou complexos; logo, o pensamento não resulta de doença dos olhos, sendo um dom natural, portanto: não patológico, mas saudável, e obviamente bom.

Contudo, pensar apenas não basta; há que se ter pretensão. É partindo da pretensão que a criatividade encontra sua única estrada para galgar caminho e manifestar-se. Assim, a modéstia é um padrão de bom comportamento convencionado prejudicial ao desenvolvimento do intelecto, o qual tem potencialidade latente que para desabrochar necessita ser exercitada. Por exemplo, alguém aprecia poesia e conhece sua essência, aprendeu, em particular, a técnica de construção da forma poética chamada soneto; se a modéstia inibir-lhe a ousadia de permitir ser arrebatada pela inspiração, essa pessoa (poeta em potencial) jamais fará um verso sequer.

De maneira que pensar é bom tanto pelo aspecto pragmático da solução de problemas quanto por dar ensejo à criatividade que, com o impulso da pretensão, resultará em edificações culturais, artísticas e tecnológicas.

-31-

Os tipos humanos e suas profissões são inumeráveis. Mas pode-se destacar três grandes grupos: Cidadão Comum; Cientista; Artista.

Todos têm suas funções, que, apesar de distintas, acabam tendo no conjunto igual importância, e são imprescindíveis para o progresso da Humanidade.

Ao Cidadão Comum cabe a necessária função de adquirir conhecimento suficiente para trabalhar, gerar filhos e educá-los. Trabalhar para a vitalidade econômica da sociedade, para seu sustento, para a criação dos filhos, e sustento dos outros dois grandes grupos: Cientistas e Artistas. Gerar filhos a fim, obviamente, da continuidade da espécie, criando novos Cidadãos Comuns, Cientistas, e Artistas. É bom que o Cidadão Comum viva muito, contribua até quando puder, e depois desfrute da velhice junto

de seus descendentes, mantendo o elo entre as gerações, transmitindo a tradição e o aconchego benfazejo da família.

O Cientista também deve viver muito, porque só assim ele poderá acumular o máximo de conhecimento e ter ensejo para descobrir cada vez mais as leis com que Deus rege o Universo.

Já o Artista, não os que executam como atores e músicos apenas intérpretes: estes são do grupo Cidadão Comum. Porém, o Artista criador: escultores, poetas, pintores, compositores, arquitetos, etc. O Artista pode morrer cedo; exemplo nos dá a precocidade de Wolfgang Amadeus Mozart, e a brevíssima vida de Noel Rosa (o poeta de Vila Isabel). Este grupo de pessoas vêm ao mundo como que cumprindo um sacerdócio profético: basta deixar sua mensagem, e partir, mergulhar na eternidade. O grupo em questão difere dos Cidadãos Comuns e Cientistas, porque um Artista não se faz: já nasce pronto.

Enfim, todos têm seu lugar na sociedade; mesmo os marginais e vagabundos ajudam, à sua maneira, a compor o que há de pitoresco neste planeta. De modo que Voltaire se equivocou com seu Cândido, e o Mestre Pangloss tinha razão, pois vivemos em verdade no “melhor dos mundos possíveis”. E ainda conforme disse Luís Fernando Veríssimo por meio do seu personagem Analista de Bagé, este planeta tem tudo que o vivente precisa: oxigênio de sobra, mulher ancuda, erva mate para o chimarrão, mogango com leite gordo...

-32-

A caridade é filha da hipocrisia, e a hipocrisia é a grande mãe da ordem social do mundo. A caridade ideal, irrestrita, é inviável; até hoje ninguém a praticou, nem Jesus Cristo pôde abandonar sua missão divina

para dedicar todo o tempo em favor do auxílio aos necessitados, pois teve que ensinar em cumprimento do dever a que estava submetido. Jesus mesmo faz referência à caridade hipócrita na passagem em que adverte que se há de primeiro resolver cada um seus problemas para depois ter competência para cuidar dos problemas alheios.

Com efeito, visto que a caridade encontra espaço até o limite do egoísmo. A utopia de uma caridade irrestrita, além de contrariar a natureza, é prejudicial a qualquer espécie biológica no seu conjunto. Ajudar um indivíduo necessitado é bom se a ajuda reestabelecê-lo a uma condição sadia, normal, e de soberania; mas ajudar em tempo integral e indeterminadamente cria um parasita e permite a perpetuação de um ser inferior na espécie, o que é indesejável e crucialmente prejudicial para o progresso da coletividade. Sintetizando: tanto a caridade quanto o egoísmo são pertinentes; a caridade, para encaminhar a pessoa promissora de regeneração; e o egoísmo, para conter a caridade hipócrita, piedosa e decadente. Nenhuma espécie de ser vivo deve negar a lei divina da seleção natural. Eis a caridade por excelência: o desprezo pela decadência exerce a caridade suprema em prol do bem geral!

-33-

Os sacerdotes costumam dizer que o corpo das pessoas é habitáculo do Espírito Santo, casa do Espírito Santo.

Teria esta proposição a finalidade de impor certa autoridade sacerdotal sobre os fiéis? Não. Os religiosos dizem coisas assim com a pia intenção de induzir a virtude nas ações das pessoas no referente ao tratamento dispensado ao corpo. Basta de atacar gratuitamente a Igreja!: este ataque, já ultrapassado e inútil, só demonstra rancor e inveja...

Mas acreditar que o corpo humano é habitáculo divino, além de muita pretensão, seria megalômana ilusão da semi-deidade de um simples mortal. Quanto à alma, pode-se especular.

A pessoa nasce, é criança, depois adulto, e enfim velho; portanto, passa pelo ciclo vital em constante mudança, porém é sempre a mesma pessoa: por quê? Ora, o elo cronológico mais sublime é a memória que a pessoa guarda de si mesma. Provavelmente a memória deve-se à disposição química de substâncias no cérebro, e esta disposição deve manter-se estática para que exista memória. Poderia ser essa explicação química a essência da Alma? Dois indícios negam esta hipótese: a esclerose senil, e a perda de massa cerebral por acidente traumático do crânio. Então, o indivíduo perde parcialmente ou totalmente a memória, e até mesmo o livre arbítrio, mas continua sendo a mesma pessoa. De modo que a identidade vai além da matéria, escapando da manipulação por parte dos instrumentos de que a ciência dispõe, sendo necessária a intervenção da perspectiva religiosa que tanto repele ao ateísmo científico: Eis que a identidade do ser humano, senão de outros seres vivos também, vem a ser uma criação de Deus, ou seja, a pessoa existe porque tem Alma!

-34-

Friedrich Wilhelm Nietzsche considerava os valores morais qual criações do ser humano que acabavam sendo adotadas pela comunidade como se fossem verdades universais criadas por um ente superior à Humanidade. O referido filósofo alemão estava certo ao dizer que um valor moral qualquer é sempre “humano, demasiado humano”. Quem faz o valor moral é o próprio indivíduo, sendo os valores morais humanos e individuais. Por isso, é muitíssimo necessário preservar a Honra.

A honra implica em uma consciência imaculada por infrações aos valores morais, de modo que a honra também é algo “humano, demasiado humano” e individual. Pela importância da honra na vida cotidiana, é que, há mais ou menos um mês, eu elaborei a seguinte fábula poética em forma de soneto:

FÁBULA DA HONRA

Andando pela estrada da vida,
ia a Honra, a Ciência, e a Riqueza.
Falando com firmeza de entendida,
a Ciência disse que com certeza,

caso ela se perdesse na jornada,
na casa de um notável engenheiro,
pelas amigas seria encontrada.
A Riqueza, senhora do dinheiro,

disse: “Facilmente serei achada no
palacete de um milionário”. Vendo
que a Honra não falava nada,

perguntaram por que o mudo fadário.
Disse, pois, a Honra: “Quem me perder,
jamais poderá tornar a me ver...”

Nhandeara, 7 de março de 2000

-35-

É necessário ter muita coragem para dizer isto: A Coragem é desnecessária e uma grande asneira...

A coragem surgiu quando um covarde astuto induziu um fero otário a defendê-lo. Talvez a coragem tenha nascido com a Guerra, quando fez-se mister valorizar o desapego à vida em prol da vida (paradoxo...), em prol da

vitória sobre um inimigo. Este inimigo é o próprio ser humano, ou seja, a guerra impõe a destruição da Humanidade pela Humanidade, e aniquila-se o instinto de preservação do indivíduo em favor da seleção natural da espécie. Mas guerra é coisa já ultrapassada, há meios mais humanos, superiores, e eficientes de seleção natural para a Humanidade; de modo que a coragem perdeu seu valor. Isto, no referente à coragem do desapego corporal e vontade de suportar a dor física.

Quanto à Coragem intelectual, esta tem certo valor, mas pouco. Tem seu valor na supremacia da verdade sobre o engano ou desconhecido, mas somente até o limite em que o paladino da ciência é levado em conta e respeitado. E quem disse que por acaso a Verdade tem quem a queira sempre ouvir? É bom especular e manifestar-se; porém, sendo ignorado, se tem a verdade: guarde-a com ternura, e goze o sentimento de potência com o desprezo da superioridade. Assim, por que sacrificar-se à toa? Coragem de vociferar a Verdade! Coragem..., grande asneira. Quem disse que o mundo é justo? Regem o mundo a mentira e a covardia.

Mal é sentir culpa por ser covarde. Porque a norma é ser covarde, bom é ser covarde.

Tendo enviado o aforismo acima por correio-eletrônico para diversos colegas, por quase duas semanas esperei resposta, mas todos se omitiram em responder. Então, lhes escrevi:

Nhandeara (SP), 19 de abril de 2000

Covardes! Todos covardes, meus amigos:

Sobre a minha teoria da Covardia, ninguém se manifestou. A que pobre mortal a Regina Mundi, a grande Rainha do Mundo, a grande mãe da conduta moral, a que amigo meu a Hipocrisia daria permissão para ousar

consentir sobre minha Apologia da Covardia? Por outro lado, quem teria coragem de sair em defesa da Nossa Senhora Hipocrisia?, rezando na sua cartilha a qual diz: "Louvai a Coragem! Arredai a Covardia!". Quem? O silêncio foi o troféu que recebi, pois: quem cala, consente mesmo...

O vosso silêncio foi o grito sincopado da vossa rotunda covardia, que agora tanto me deleita. O silêncio foi o aval, a sanção, o veredito cabal de que eu estou certo. Admitai, queridos irmãos-de-alma, vossa máxima, vossa tão grande covardia!

Por que vergonha? É instintivo, é natural, eu também sou covarde, todos o são. A norma é a Covardia, bom é ser covarde.

Meus arrogantes agradecimentos sinceros,

Marcos Satoru Kawanami

-36-

Quando alguém assassina outra pessoa, chamam isto de crime. Todavia, quando muitas pessoas assassinam outras muitas pessoas, chamam isto de Guerra. Pensando nessa nomenclatura formidável, foi que hoje escrevi o seguinte soneto:

Soneto de Guerra

Quando um homem é assassinado,
costuma-se dizer que isto é crime;
então, outro homem é acusado,
e a humana justiça o reprime.

Mas, se muita gente é assassinada,
quando muito sangue cai sobre a terra,
esta tal loucura é elevada

a um nobre título que chamam Guerra.

Quando a pobre fome de um homem berra,
e o leva apenas a roubar um pão,
se apanhado, vai para a prisão.

Porém, se por ventura em uma guerra
rouba-se o país de uma nação,
há ensejo para condecoração.

Nhandeara, 13 de maio de 2000

-37-

Característica peculiar ao ente humano é a formulação de idéias, as quais resultam da concatenação de pensamentos. E as pessoas pensam espontaneamente todos os dias, toda hora; mesmo dormindo os sonhos são pensados. Passamos a vida a pensar; logo, bem viver implica bem pensar.

Não há fórmula geral de pensamento. Contraditoriamente, o ato de pensar foge vertiginosamente do controle racional, ainda que a razão seja instrumento dele. Isto porque o fluxo de pensamento é tão involuntário quanto os movimentos peristálticos dos músculos lisos. Em outras palavras: pensamos por instinto! Mas é possível selecionar a força motriz do pensamento, a inspiração.

Elevadas inspirações engendram belas idéias e, por conseguinte, boas obras. A ciência e a arte renascentistas depõem a favor da relevância da inspiração no caminhar da História.

Na sociedade hodierna, em que a transmissão de conhecimento está sistematizada por meio da escola, o professor tem tripla responsabilidade: dar o exemplo de probidade cívica, ensinar, e inspirar. De modo que,

estando as ações humanas subordinadas ao pensamento, e este à inspiração, o melhor de um professor é sua capacidade de inspirar os alunos.

A propósito de professores que se limitavam a ensinar sem inspirar, disse e cantou Noël Rosa: "Batuque é um privilégio, ninguém aprende samba no colégio".

38

Moderação nunca é de mais, nem de menos, obviamente. Por uma analogia físico-literária, a palavra *moderação* assemelha-se às ondas eletromagnéticas do espectro luminoso perceptível ao olho humano; ora, o campo elétrico variável induz o campo magnético que, por sua vez, induz o elétrico, e assim as ondas eletromagnéticas são auto-induzidas. De modo que moderação é metaforicamente luz e, por se auto-alimentar, é uma constante: não pode haver mais ou menos moderação, a qual existe ou não existe, e todos sabem que, no referente ao metabolismo cerebral, o termo *mais ou menos* é medida de esfíncter do intestino reto.

Um exemplo histórico sobre a importância da moderação foi o idílio entre Cleópatra e Marco Antônio. A estadista egípcia, acostumada a ter relações sexuais com 100 homens por noite, exauriu a energia do imperador romano, levando-o a sucumbir na batalha de Actium e, depois, acabar se suicidando em Alexandria.

Outro exemplo é Jesus Cristo, que, desprezando a moderação, bradava aos quatro ventos com toda eloquência declarando-se nada menos que o Filho de Deus. Se tivesse moderação, teria dito que era o Sobrinho de Deus, diminuindo a probabilidade de ser crucificado.

Já o indiano Sidharta Gautama, quando seguia os ascetas, exagerou nas privações, o que o privou da sanidade mental, fazendo-o inculcar a

idéia de que atingira a perfeição. E eis que, da imoderada soberba, surge o Budismo.

Os exemplos expostos acima ensejam a seguinte questão: se adultos são vitimados pela ausência de moderação, quão mais não serão as crianças?

Pois a maioria esmagadora dos adeptos aos video games são justamente crianças e jovens numa faixa etária em que o cunho vernáculo da palavra *moderação* raramente é conhecido, e menos ainda aceito. O video game recreia como qualquer brincadeira, e, como tal, pode sua prática ter um conteúdo edificante, neutro, ou nocivo à formação da personalidade.

Uma perspectiva retrógrada saudosista lamenta que os video games estejam usurpando o lugar dos contos de fada e, desarte, boçalizando o imaginário infantil com realidades virtuais estapafúrdias e até truculentas. Mas então há coisa mais truculenta que o Lobo Mau devorar a Vovozinha da Chapeuzinho Vermelho? E, por acaso, não é estapafúrdia a imagem da Vovozinha sendo sacada com vida do bucho do lobo?

O perigo característico do video game está nos malefícios passíveis de por ele serem causados à saúde. Estes malefícios mormente decorrem da falta de moderação, conforme a observação prática verifica. Fora isso, evocando Fernando Pessoa: "Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer".

39

Não é em vão que pessoas conscientes da própria cidadania ocupem-se da sua educação e, se os têm, da educação de seus filhos. São vantagens

que a educação proporciona: facilitar a sobrevivência, respeito da comunidade, e aguçamento da sensibilidade.

Hodiernamente, raros são os trabalhos que dispensam qualquer grau de instrução; e mesmo estes remuneram mal aos que se submetem a fazê-los. Até as profissões mais humildes, como a de contínuo, já exigem, no mínimo, o ensino fundamental (8ª série).

Quanto mais conhecimentos e títulos tem o cidadão, maior é seu leque de opções profissionais, possibilitando-lhe um mais cobiçado *status* ou posição social, que conta no conceito que sua comunidade lhe reserva. Isso porque, quem sabe mais, melhor pode contribuir em prol do bem comum.

Por meio da educação, adquire-se o saber; e o saber funciona qual guia para os órgãos dos sentidos. Se, por exemplo, um arquiteto encontra-se dentro da igreja do Pilar, na cidade de Ouro Preto, seus olhos vêem os ornatos, pinturas e estátuas; mas isso não basta, seu conhecimento é que revela estar ele diante de exemplares da arte barroca.

Evidencia-se pelo exposto, que a educação viabiliza uma vida mais consciente e intensa ao expandir os horizontes pessoais. Além do que, conforme o parecer de Galileu Galilei, a finalidade do saber é amenizar os aborrecimentos e fadigas da existência humana.

-40-

Há um velho ditado que diz: “A teoria, na prática, é diferente”. Com efeito, os pedagogos muito já teorizaram a respeito de como melhor transmitir o conhecimento para as gerações que se sucedem, mas o que se verifica na prática é que cada vez mais a dificuldade de lecionar torna-se

maior. Neste sentido, reabilitar a palmatória não seria má idéia... Por bem, ou por mal, funcionava.

A missão da escola é ensinar. Já a educação propriamente dita deve ficar a cargo da família ou adultos responsáveis pelo aluno. Eis a questão: devido aos por demais discutidos distúrbios sociais, a escola está sendo sobrecarregada, acumulando as funções de ensinar e educar. Isto é irrefutavelmente inviável! Escola não é lar; professor não é mãe, e, mesmo que fosse, não há mãe que consiga cuidar bem de um número de filhos equivalente a uma sala de aula.

Um grave erro na máquina de ensino brasileira foi a patética submissão da escola ao aluno, como se este fizesse o favor de freqüentá-la. Para neutralizar tamanho absurdo, o procedimento imediato seria excluir da escola os alunos que revelassem irreversível inaptidão para o aprendizado, pois o fato em si de se ir à escola não torna alguém um cidadão capaz. Portanto, imprescindível é combater a hipocrisia e apologia da inferioridade resultantes da tendenciosa interpretação teológica cristã. Quem não quer aprender, nem com maçarico é possível xuxar informações na sua caixola.

Por outro lado, e particularmente quanto ao ensino da língua materna, a linguagem padrão encontra uma resistência natural para ser adotada pelos alunos. Isso não deriva da variação do grau de complexidade entre os dialetos e a língua padrão, mas obviamente é fruto da força do uso dialetal em detrimento do padrão. De modo que faz-se inconsistente avaliar a inteligência do aluno com base na sua estrutura lingüística. Há também o fator de identidade social: pessoas do sexo masculino vêm-se coagidas a desprezar a linguagem padrão, uma vez que esta, em várias comunidades, é atributo afim a mulheres.

A língua é componente da identidade de uma nação, haja visto que, quando da formação dos Estados Nacionais europeus, a língua foi um dos

fatores a corroborar sua sedimentação. Observando um país vasto como o Brasil, sujeito a tantas variações dialetais, a correta manipulação da língua padrão traz benefício em prol da unidade nacional. mas como atingir a correção? O português é língua viva e, assim, transforma-se continuamente; ensinar seu padrão antigo é perda de tempo, sendo, na prática, inútil ao cidadão. De mais valia é aproveitar textos atuais, como os dos periódicos e revistas.

A metódica freqüência de semelhantes leituras é preferível à insipidez de exercícios repetitivos de regência, coesão e concordância, além de oferecer a vantagem de aumentar o vocabulário e aperfeiçoar a ortografia. Consoante à referida proposta, ensinar nomenclatura faz-se impertinente à destreza comunicativa, cujo metabolismo é prático, postergando-se a teoria gramatical. Todavia um referencial é ajuda, o referencial da língua é a Gramática.

Para finalizar, reportemo-nos a uma situação extrema. Numa guerra, preliminar é manter “o moral” da tropa. O general Napoleão Bonaparte fazia isso muito bem, e triunfava. A fim de animar o exército francês quando da ocupação do Egito, ele proferiu sua frase célebre: “Do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam”. Acorde, se o expediente acima funciona na truculência do campo de batalha, provavelmente funcionará na sala de aula. Isto posto, cabe ao professor animar os alunos, convencendo-os da importância do saber e o porquê em suas vidas do que lhes ensina a escola. O professor de Português deve despertar o interesse dos alunos pelo dialeto padrão, no intuito de abrandar um pouco a desigualdade social também reforçada pela opressão cultural.

-41-

Seguir os mandamentos religiosos judaico-cristãos não depende do muito difundido temor a Deus, tão pouco depende da hipocrisia intitucionalizada das convenções sociais que levam as pessoas a agirem sob a coação repressora da moral. Religião e moral se fundem, sendo necessárias para manter a estabilidade cooperativa da humanidade; mas a obediência aos seus mandamentos resulta do benfazejo instinto egoísta de auto-preservação. Isto porque inconscientemente o ente humano nota que, agindo conforme reza a moral, os membros da sua comunidade não o receiam e, por conseguinte, não o discriminam nem tolhem o pleno gozo de sua cidadania e afetividade social. Isto precede a hipocrisia, que só se institucionaliza no consciente coletivo pelo inconsciente pessoal revelado acima. Ou seja, quando alguém faz o bem, o faz por malandragem, deliberada ou não.

-42-

Apesar de o ser humano usufruir dos artifícios da Razão, o guia fundamental do comportamento humano sempre será o Instinto, que também pode ser anunciado como Egoísmo. Partindo deste princípio, até a piedade assume um cunho egoísta: cultivando o sentimento coletivo de valorização da piedade, cada indivíduo inconsciente de seu egoísmo pretende assegurar para si mesmo a tranquilidade de ser amparado caso venha a necessitar. Supõe-se que apenas sentimentos como a raiva aproximam as pessoas dos outros animais; contudo, um cachorro é capaz de evidenciar sua amizade. Ocorre que tanto a raiva como a amizade resultam do princípio instintivo do egoísmo. Assim, sentimentos dos considerados mais

elevados qual amor materno, altruísmo, e desapego surgem do egoísmo; ora, desapego é uma maneira de sentir-se mais livre; amor materno é um instinto que qualquer cavalgadura possui, e no caso humano é um sentimento que parte da esperança de seguridade e conforto na velhice; finalmente, o altruísmo resulta da convenção moral que estabelece a fraternidade como regra de conduta: "Amai-vos uns aos outros". Por isso o instinto rege a harmonia das relações sociais; ilustração exemplar é a perfeita organização em que vivem as formigas, as quais, desprovidas da Razão, jamais poderiam prescindir do Instinto.

Dito deste modo esclarecedor, tudo parece muito óbvio. Sim, mas o propulsor óbvio do comportamento humano, ou seja, o Instinto, vem muitas vezes camuflado como um presente bem empacotado e enfeitado por convenções morais e estéticas; por isso classificam-se algumas figuras, ações e palavras como sendo obscenas, e classificam-se outras tantas como sendo belas, justas e corretas. Imbuído do senso moral e estético da sua cultura, o bom cidadão modera seus egoísmos momentâneos por causa de um egoísmo maior e geral, que consiste em manter-se na sociedade e manter a ordem social. Além disso, agindo conforme uma Moral estabelecida, o indivíduo pacato sente-se bem. Esta Ilusão nas ações e sentimentos humanos é necessária; do contrário, a consciência real de sua natureza seria deveras insípida ao ente civilizado, reduzindo-o a mero animal.

-43-

O que é bem? É o que tem um valor bom. E o que é bom? Bom é o que funciona, o que atinge seu propósito. Este conceito objetivo não daria margem a controvérsias se a humanidade não dependesse de leis morais;

ocorre, porém, que cada cultura tem sua moral, sendo estas, portanto, subjetivas. Isto, por causa da subjetividade natural ao ser humano.

Para ser bom (lograr êxito) é interessante, devido ao convívio social, seguir ou aparentar seguir uma conduta moral, porque a sociedade exige tal proceder através da coerção, dando prestígio ao exemplo de moralidade, e depreciando o imoral. É um sistema de defesa análogo ao modo biológico de reagir a corpos estranhos. Numa sociedade que valoriza o movimento, bom é parecer movimentar-se; já quem aparente repousar, ainda que esteja exercendo atividade cerebral, será mal visto.

Adivinhações à parte, se o Filósofo pensa estando em repouso enquanto o Operário ao seu lado trabalha, o Filósofo sabe que o Operário o considera inútil. Neste caso, o Filósofo não é bom, pois sua aparência faz-se imoral; trata-se de um sofisma da moral. Necessário é manter a convivência entre Pensamento e Ação.

-44-

Graças ao professor Valdivino, eu tive a oportunidade de ler o romance “Eurico, o presbítero”, por livre e espontânea pressão.

Então, eu que nunca tive lá qualquer simpatia pela Guerra, passei a enxergá-la sob novo entendimento. A honrosa nobreza com que Eurico a ela se entrega comoveu-me vigorosamente.

Ontem, assistindo na TV-Rede Brasil o depoimento dos sobreviventes da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial (em especial os pilotos do 1º Esquadrão de Caça), algo que já vinha elevando-se em mim formulou-se neste enunciado: Não concebo motivo racional para a vida; tenho medo de morrer por instinto, claro; mas não absolutamente; tenho medo é de morrer à toa, de doença inglória ou assassinato covarde,

muito medo...; pois se a morte é coisa inevitável, prefiro-a celebrada ao som da “tuba canora e belicosa” da linha de frente, no front aberto sem trincheiras nem munição para a baioneta que só com seu punhal-de-cano arroja-se no abismo do embate corpo-a-corpo.

Sim, vale a lei da equidade humana, daí ser justa a desigualdade social; a Plebe reclama por igualdade, mas já é igual, sim: no Egoísmo natural a qualquer vivente; se estes mesmos plebeus miseráveis estivessem no Poder, seriam tão injustos quanto qualquer Aristocrata; mas o plebeu apegase à beatitude da sua moral hipócrita inventada de piedade e modéstia tão-somente para sentir-se Superior aos seus próprios superiores, e isso é a prova cabal de que são repugnantes e merecem a Servidão. Por isso, que se dane a Paz de Cristo!, mas glória aos bravos Mártires que por Ele lutaram sem a lascidão pacífica. Brasil... tão bonachão, corpulento e covarde “deitado eternamente em berço esplêndido”... “Mas se ergues da Justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta nem teme, quem te adora, a própria morte”.

Convoca-me!, que eu não quero a morte burocrática do fado biológico. Convoca-me e convoca os meu nobres companheiros, que até com eles brigarei pelo primeiro lugar na linha de tiro.

Nhandeara (SP), 28-abril-2002

-45-

O egoísmo é natural a todo vivente, é instrumento de preservação; assim, o homem é egoísta; mas vive em sociedade para ajuda mútua, donde surge o valor moral da caridade. O egoísmo individual acumula para si, enquanto a caridade distribui para a sociedade; mas, tanto no acúmulo

individual quanto na prática de caridade, o homem permanece egoísta: é egoísta quando beneficia a si, e também quando faz caridade. Pois a caridade objetivamente colabora para a coesão social necessária ao indivíduo, e subjetivamente satisfaz o senso moral do mesmo indivíduo. De modo que, prevalecendo o egoísmo tanto no receber quanto no dar, resulta um pertinente equilíbrio social: a distribuição homogênea de bens. Ora, somente acumular para si, ao ferir o instinto de sociedade do homem, causa-lhe insatisfação moral; e, por outro lado, dar até carecer de bens é obviamente prejudicial. Na ausência desse equilíbrio não há paz.

-46-

Os filósofos alemães do século XIX certamente demonstraram grande vigor mental, mas também contribuíram para a formação de uma falsa sabedoria ateísta que pairou sobre a intelectualidade durante o século seguinte, a começar por Sartre, ateu desbragado que chegou a ganhar o Prêmio Nobel.

Os filósofos brasileiros não alcançam o prestígio dos compositores da música popular, mas nesta têm seus representantes, como Chico Buarque. Este Chico, à semelhança dos alemães do século XIX, tem grande inteligência, compôs belas músicas, mas também produziu sua porção de pseudo-sabedoria, como na canção *Partido Alto*, em que zomba de Deus e do Cristo gratuitamente e com superficialidade intelectual, além de revelar débil reflexão espiritual, que provavelmente não é o caso do Chico; por infelicidade, tal aparenta nesse samba de melodia bonita.

A população em geral pressupõe esse e outros tantos falsos profetas como sendo católicos. Esse engano é um dos fatores que contribuem para a

perda de membros da Igreja Católica, e crescimento do protestantismo no Brasil.

Outros exemplos de pseudo-sábios e de outros fatores que minam a Igreja existem, mas o espaço no jornal é curto. Uma advertência, porém, é importantíssima: Quem contradiz os evangelhos não é católico.

Nhandeara, 21 de julho de 2006

-47-

DEUS EXISTE

O tempo não pára.

Por isso, a eternidade existe.

Assim, tudo é possível

em algum instante.

E, se tudo é possível, Deus

eterno é possível e, sendo

eterno, Deus existe. Eis a

minha prova racional

e lógica da existência de Deus.

Nhandeara, 25 de janeiro de 2007

COVA E PÁ-DE-CAL

Pelo exposto até aqui, o leitor certamente foi levado a refletir; às vezes concordando com as deduções, às vezes não. Seria bom que este incipiente trabalho, cujo valor faz-se inversamente proporcional à soberba de seu autor em edificar filosofia, tenha logrado seu intento de inspirar o livre pensamento por remediar o legado da nossa miséria: a Civilização. E a Filosofia vai tentando se desculpar do seu erro: ter nascido. Tarefa difícil, mas em conformidade ao mínimo da decência. Nem tudo é tão complicado quanto parece, nem tão simples quanto idealizamos. Enfim, fique claro que as verdades da alma são como fórmulas matemáticas: só as compreendemos quando as deduzimos pessoalmente.

E pessoalmente acredito que o pensamento filosófico me é insalubre, mas se hoje a Filosofia faz-se inevitável, ao menos por desagravo façamos seu enterro simbólico. A criança Filosofia acabou de nascer; é linda, é sedutora..., quase nos hipnotiza com o abismo que é seu olhar; acomete-nos um pressentimento terrível: isto não é cria de gente! E não é; num seu sorriso irônico aflora a própria identidade da perversão, do desvio desnaturado. A mãe que lhe pariu, ela mesma, de medo e asco, com uma pedra arrebenta o crânio da recém-nascida.

O grande mal foi evitado. Impera a felicidade. Entoem novamente a velha canção. “Com alegria, não se questione para se brincar”.

Avante, camaradas! Fartem-se de júbilo no Funeral da Filosofia.

Nhandeara, 11 de dezembro de 2001

Marcos Satoru Kawanami

RECÔNDRITO BAIANO

Osmar Garraffa veio com uma lorota mãe, que, de tão cu, deve ser verdade: Celso Cardoso vai passar as férias no... aff! —no Afeganistão! Ou no Paquistão. Tanto faz. Isso só reforça a hipótese elitista de que gosto não se discute, se lamenta. Se for assim, lamentável foi eu ter invertido minhas férias no recôndito baiano.

Ao chegar no recôndito baiano, deparei-me com o Saci-Pererê, e, péra aê! Tu não era de Taubaté, ô meu? —"meu" de contrerrâneo, entenda-se, paulista— mas era o sincretismo baiano avacalhando tudo, axé banzai, seu paulisponês cala tua boca que tu chegou por último.

Pra não dizer que fiz programa de índio, descansei carregando pedra, estive mais apertado que cu de corintiano em final de campeonato, ou me vi no cu do saci, saquei da algibeira o meu Irish Peterson pipe a fim de pitar cachimbo cantimboseiro junto com o figura. Aquele fumo de Arapiraca fez uma fumaça ardida pra dedéu, meus olhos se encheram de água, o Saci-Pererê arrepiou carreira, e eu, que estava encima da baiana Tereza Batista cansada de guerra, pensei: Fodeu.

Adamastor, o baiano, abriu a porta, e o Dorival Caymmi dedilhou no violão “João Valentão, pra dar bofetão, não presta atenção!”, ele ficou roxo feito um Othello, e eu fiquei transparente, numa tentativa rudimentar de teletransporte que só não teve êxito porque o baiano sofreu um colapso nervoso fulminante, boa saída pra não ser corno manso nem assassino.

Um volume causou-me espécie na bombacha do gaúcho baiano, abaixei-a e tava lá um baita dum batatão, uma tremenda duma mandioca de pênis, pênis é diminutivo, aquilo era um membro. Olhei pra bandida da baiana, e disparei “Não bastava não?”, mas a cachorra do funk sentenciou “A putaria é que me faz gozar!”, ajoelhou-se junto ao defunto, encostou seu rosto na sucuri, e disse empolgada “Tira uma foto!”.

É claro que eu não tirei a foto, mesmo porque eu respeito a Morte, e a câmara fotográfica ficara em São Paulo.

Nhandeara, 8 de agosto de 2011

TEOLOGIA DAS PROBABILIDADES

A gratuidade do Bem é aleatória.

A maldade é sempre intencional.

Portanto, o que é aleatório é divino.
As mutações de DNA são aleatórias.
As mutações de DNA são divinas.
O caos é aleatório ao controle humano.
O caos é divino.
Existir vida em um planeta de um sistema solar é aleatório.
A vida nesse tal planeta é caótica.
A vida em um planeta é vontade de Deus.

Nhandeara, 17 de agosto de 2011

UM OSCILOSCÓPIO POR TI GELA

A tua voz, para sempre, gravada
em minhas retinas,
é a imortal imagem tua ecoando
em minhas trompas de eustáquio.

Pois tamanha
confusão mental
de profusão colateral
tu desencadeias
no meu osciloscópio redundante,
que pleonasma!

Nhandeara, 25 de agosto de 2011

HAIKAI DE CAMÕES

quando estive em Goa,
percebi que vem de lá
toda mulher boa.

Nhandeara, 9 de novembro de 2011

GABRIELA

Os meus versos sem sentido
 só têm senso por aquela
 que meu tino decaído
 de manhã, à noite, vela.

Foi, de um peito, subtraído
 o estro rubro em esparrela,
 e o cérebro há percebido
 a mais cândida seqüela.

Tendo, assim, da vida o viço
 mais festivo e intenso dela
 sorvido em leito castiço,

emolduro na janela
 um altar a seu serviço
 pagão para Gabriela...

Nhandeara, 20 de novembro de 2011

FUCK THIS PLANET ROCK AND ROLL!

Of course, for me, this night will never end. On land, folk have to swallow a sunrise after dawn; since childhood, i used myself to contemplate the world here from above, understand the picture and not only a dot on the picture, fake to be fool to speak to foolish people and not harm them showing their ignorance like a strike, but making fools beleave they discovered truth by themselves...

But all folks from my place of soul do that, unless the arrogant ones that sometimes are dropped in Germany(?) haha, just a joke. Friar Clemente Kesselmeyer was a german friend of mine, and he used to be very humble.

For those who have Understanding, the uncomprehensible is obvious; for those who don't, the voice of the people is the voice to be followed: "Crucify!".

"I am the good shepherd.", said the one that was crucified. We are not the shepherd, for our grace and goodness we are guided by him, and look how much easy is to be guided than the opposite. Why some persons want to be shepherd?

What i had to say did not have to make sense this night, i wasn't going to write nothing of this, i wanted to write a nonsense but now it's making sense. Here comes the junk writing:

For more than 9 days i am coughing, and spitting blood some times, blood got out of my lungs for 5 times like portions of sashimi. At the hospital, the doctor only inoculated an injection for fever, and all these days i am taking lots of tablets for fever. Tomorrow is my return to the doctor, i have to tell him: the federal government treats tuberculosis free of charge, and i obviously have the disease.

I don't want the cure! I wanna die you fucking World of shit, you bunch of ass holes! You know what?: If i were less humble, arrogant folk would think i were less arrogant.

People say i only listen to Samba, but i have ever been much more Rock and Roll then who say that are Rock and Roll. My clothes were humble, given free, i don't use to buy clothes like these Rock people. I slept on the street when housemates locked me out of our house. In this same student house there was no washing machine, so i washed all my clothes on my hands while the other students payed a misery for pour women to do the job also without washing machine, and after class what music did they hear?, too loud and i had to study hard! I had to run naked in a winter night from the middle of the way of one city to another. I stayed 45 days eating only bread and coffee. While everybody went to campus by bus, i climbed a very high hill on foot every day, isn't that Rock and Roll? I had a good friend sculptor that shared a plate of food with me, and he was hungry! I caught tuberculosis walking in the rain with two fellows after singing Samba and sleeping wet on the ground. You know what, i hate Rock and Roll, i only understand Samba.

Fuck this Planet Rock and Roll!

Nhandeara, 18 de dezembro de 2011

AGNÓSTICA DE ITAQUERA

(paráfrase ao samba "Três Apitos" de Noel Rosa)

Quando o Metrô vai chegando em Itaquera,
a estação é sempre primavera
pois me lembro de você.
Mas você anda sem dúvida bem zangada,
e está interessada
em fingir que não me vê.

Eu, da janela, vejo um estádio se erguendo,
 mas cá dentro vejo o mundo estremecendo,
 e você sabe por que.
 Mas você não sabe que nem artista lhe iguala
 quando assisto à novela na sala,
 seu nome brilha na TV?

Você, no inverno, sem meias vai para a escola,
 nem pro frio você dá bola,
 agnóstica em nada crê.
 Mas pode crer que, se o Itaquerão é belo,
 cantando isto ao violoncelo,
 só é belo por você!

Nhandeara, 20 de dezembro de 2011

Deus e o Diabo no Itaquerão

Eu desci do Metrô, e comecei a subir a escada quando brotaram luzes das minhas calças; devia ser coisa do Metrô, sempre tem luz percorrendo a gente em São Paulo; mas daí passei a caminhar na passarela aberta, e as luzes das calças eram mais fortes que a claridade solar, raciocinei profundamente: Fodeu.

Uma nuvem adamastórica se formou ao longe, e veio célere parar juntinho da passarela. Jesus Cristo caminhou em cima da nuvem até o corrimão da passarela, saltou-o feito um atleta, e veio me encarar:

— É hoje, misinfio! — disse-me o Filho de Deus.

— Ecco, agora entendi estas luzes saindo por tudo quanto é buraco de mim: eu sou o Diabo. Mas tu viste bem que, nascendo de mulher e sendo homem como tu o fizeste, eu fui muito obediente a Deus...

— Né isso não, seu Zé Mané! — exclamou o Cristo, abraçando-me num arroxio forte, e me dando aquele beijo, reportando-me à história antiga que me deixou cabreiro...

Falou para a gente pegar o Metrô, que estava tendo jogo no Itaquerão: Corinthians e Palmeiras.

Chegando em Itaquera, estava tudo lindo, as pessoas eram anjos:

— É o Paraíso...

— Ô, meu, Paraíso é outra estação; entra logo que vai fechar. — advertiu-me Jesus.

Começou a partida, jogo normal, mas Jesus falou displicente:

— Ó, tá vendo isso aí, é tua Teologia das Probabilidades; cê não disse que o mal é sempre intencional, e que o aleatório é divino? Um jogo de futebol é um evento aleatório com inúmeras variáveis e que dura 90 minutos, ponha aleatório nisso! Se o Corinthians vencer, estabeleço já o Reino de Deus; se o Palmeiras vencer, o quebra-pau vai ser tamanho, que a Teoria do Caos entra em cena, e, numa onda de violência efeito dominó, começa a Guerra Nuclear.

— Vai, Corinthians, vai! — torci.

— Agora é vai? Você é palmeirense desde pequenininho. Lembra do Evangelho? Diabo é porco. Deus é Fiel...

— Corinthians! Corinthians! Corinthians! — continuou torcendo o Diabo com o cu na mão, e muito amigo de Deus por fim.

O jogo acabou empatado.

Nhandeara, 28 de dezembro de 2011

NÃO É A TERRA AQUI

O mal que timbra a tua natureza
não orna com teu rosto, e a desfigura
se, quando a vejo, a vejo sempre pura
no anseio de despir tua vileza.

Mas, se no cativeiro vês-te presa,
e ouvido deste a vozes de amargura
que invertem dos valores a candura,
a tua liberdade é uma certeza.

Não tarda o dia alegre da Verdade,
o dia virá célere, sorri
e apaga da visão toda maldade.

Se na visão contente já te vi,
despreza o sofrimento desta grade
terráquia, que não é a terra aqui!

Nhandeara, 7 de janeiro de 2012

SONETO DO POETA

Não vou me preocupar em ser decente
no social sentido da palavra;
se nada eu ganho ou lucro, minha lavra,
de tão rara, não tem preço aparente.

Quisera assim viver impunemente
fiando-me no estro que não trava,
porém não sei por que parece brava
a sociedade se me vê contente!

É que o que para o vulgo é loucura,
conforme reza a epístola sagrada,
ao Deus Javé tem sido coisa pura...

E, enquanto grassa em terra desregrada
salários por ofícios de emboscada,
eu trilho a liberdade e o bem da cura.

Nhandeara, 8 de janeiro de 2012

TURÍBULO

Incenso é a fumaça do charuto,
que faz a sintonia entre o divino
e a mão que escreve o verso adamantino
ainda que não tenha siso arguto.

A mão de um idiota às vezes bruto
reveste-se de toques de menino,
e toca mesmo até um violino
naquele transe alegre de minuto.

Se o fumo é agradável ao Além,
deixai que eu fume a bem da Poesia;
lembrai daquele incenso de Belém...

O índio fuma e reza de alegria; então,
entrai no fumo vós também: bendiga o
riso e o choro, e chore e ria!

Nhandeara, 10 de janeiro de 2012

SONETO DE MAIS TARDES

Quando for para amar, quero a crioula
cabocla mesmo, índia do serrado;
meu peito aberto franco despojado
anseia dentro em si aquela pô-la.

Em um cotejo ao léu, parece tola
qualquer moça ou mulher que tenho amado,
se da cabocla ponho lado a lado,
alçando vôo, suave pomba-rola...

A crioula cabocla brasileira cativa do
desdém a segurança, driblando assim a
concorrência inteira.

E eu gosto porque gosto da lembrança
da nossa breve tarde prazenteira,
que guardo de mais tardes esperança.

Nhandeara, 12 de janeiro de 2012

FEITO A LÁPIS, MARCADO A FERRO

Eu li: “Você será hipnotizado!”,
e fui, porém com firme passo justo
do que levou Isaac àquele susto
em que se viu Abraão martirizado.

A bem contar, até achei gozado
a princípio, que a frase tem seu lustro...
de humor bem ao meu gosto, gosto augusto
que torna o animal humanizado.

A frase estava escrita no teu blogue,
escrita a lápis, mas marcada a ferro
sem ter qualquer morfina que se drogue.

Serviste-me café, que é gasolina,
fervendo...; dei um pulo e dei um berro:
tu já podes casar, não é(s) menina?(!)

Nhandeara, 13 de janeiro de 2012

SONETO GREGO

Se, a bem de uma alma impura, o grego antigo
dizia-se por ninfas inspirado,
eu devo ao sopro de cristão crismado
os versos, dos que expiro em tom amigo.

Porém, guardo um segredo, o qual não digo
ao vulgo boquirroto tão malvado,
diverso do selete e elevado
círculo fraternal que anda comigo.

Vocês, confrades áureos do segredo,
os començais da ceia neopagã,
são testemunhas deste meu enredo:

Se tenho me exaurido neste afã
penoso do poema e verso ledado,
é por Paola, ninfa e não cristã!

Nhandeara, 14 de janeiro de 2012

SONETA!

Soneto aqui, soneto lá, soneto
a toda hora para a Musa bela,
que é bela, e de tão bela até banguela
o besta do Poeta... ah!, não me meto.

Porém, me inquieto ao vê-lo sempre inquieto
entre papéis a esmo; e, da tigela,
toda comida volta pra panela

—“café é gasolina”— eis seu(?) decreto.

Poetas são estranhos entre a gente;
eu não me dou com gente de poeta,
nem tentam demonstrar cartaz decente...

Depois, inútil reclamar se veta
da Musa o pai namoro abertamente;
o palhaço, porém, aqui, soneta...

Nhandeara, 15 de janeiro de 2012

TRATADO SOBRE VALOR

Tratando do valor, valor em si,
agora estou pensando: o que é Valor
senão a Metafísica do Amor,
libido que me move até aqui?

Valor é atribuir àquilo ali,
qualquer que seja, a força de motor
de esquema positivo, pela dor
buscando alívio em lábios de Cecy.

A civilização nasceu assim,
coisificando o Amor a bem de vê-lo
concretizando da libido o fim:

Homem quis liberdade e mundo belo,
mulher quis flores, sem bichos..., capim...;
somos, entre dois edens, drama e elo.

15 de janeiro de 2012

SONETO DO OTIMISMO

Deus luta, de Israel cunho vernáculo,
nos incentiva à vida veemente
com forças do Deus único existente

para regrar qualquer pagão oráculo.

Se o rei da morte estende atroz tentáculo
por sobre alma leda e penitente,
ingressa no infinito eternamente...
sem sombra para dúvidas de cálculo.

A luta é nada mais que o otimismo
presente em todo rosto idealista
tão raros neste mundo de cinismo.

A luta nunca teve por conquista
terreno ou poderio, que é cataclismo,
mas só o amor fraterno sempre à vista.

15 de janeiro de 2012

DE PERDOAR

É boa a alma, mas a carestia,
os desencontros da matéria, e mais:
de tudo que pertence aos animais
a fim de nos levar a alegria,

conduzem nossa sina sobre a via
crúcis da redenção em desiguais
e justos descaminhos, para os quais
em caos ordeiro o povo nasce um dia.

Assim, a boa alma, na matéria,
não pode ser tão boa quanto quer,
porquanto é a barriga na miséria.

A carne é fraca, sempre que quiser
terás o meu perdão; a escrita é séria,
diversa do rancor, que me é pilhéria.

17 de janeiro de 2012

SONETO DO ABSURDO

Não inventam a máquina do verso
 porquanto eu já existo e a dispenso,
 mas valho-me da rima num pretenso
 conluio do Parnaso a ser emerso.

Aniquilado em vão, e em vão disperso,
 regrei na Redenção o que ora penso
 a fim de dar sentido ao passo intenso
 das marchas orbitais deste universo.

E tanto tenho escrito, que repito,
 e tanto já repito, que me aturdo
 no drama da batalha em que me agito.

Quem tem entendimento, seja surdo
 ou cego: escuta a luz, enxerga o grito!,
 que, não havendo o Verbo, tem-se absurdo.

Nhandeara, 9 de fevereiro de 2012

ISAAC NEWTON

Newton, “by vigor of mind”,
 ordered the universe
 with sentences of divine
 taste in each and every verse

through mathematics, a kind
 of understanding immerse
 in the alphabet of wine
 taught by God with love intense.

Because only love explains
 beauty, and beauty is what
 really can make all the pains

understood and worth while at
 Earth, where souls wander alone...
 to the land of thought, our home.

Nhandeara, 15 de fevereiro de 2012

SENSAÇÃO DA PASSAGEM DO TEMPO

Nas células dos seres vivos, há uma frequência que pulsa como gotas a cair em um lago, do que resulta a passagem do tempo vegetativo para seres sem consciência de tempo como as plantas, a fim de que regulem seu ciclo vital, e isso vale para o ciclo vital dos animais também.

No caso animal, em particular, o cérebro sente a passagem do tempo por instrumento análogo. Um inseto tem reflexos mais velozes do que os seres humanos, porque sua frequência da sensação temporal é mais rápida; e, vivendo com a sensação de que o mundo ao redor é mais lento, o inseto vive menos do que um ser humano.

Crianças sentem o tempo passar mais devagar, porque as tais gotas que pingam no lago estão numa frequência maior. Conforme envelhecemos, as gotas pingam mais devagar no lago, dando a sensação de que o tempo flui mais rapidamente.

Assim, se, em vez de gotas, um fluxo contínuo de água correr para o lago, a sensação de tempo desaparece: o tempo de vida reduz-se a um nada, no qual a sensação é de eternidade.

Nhandeara, 4 de março de 2012

INCÊNDIO NA ZONA

Sentada no vaso sanitário, a puta apagou o cigarro na parede, e jogou-o no lixo. O incêndio consumiu a cidade de Manaus, que, nessa época, humildemente se renderia a uma labareda começada na Zona Municipal, dentro do banheiro, no lixo. Digo que a zona era a da municipalidade porque nem se falava na Zona Franca, que é a zona decente onde ficam as fracesas.

Os vapores de urina e merda não serviram de despertador. Depois o brazeiro, tudo de madeira, um churrasco.

Eu vinha chegando de viagem numa barçaça-gaiola, vi o sol se pondo de novo, e pensei: Manaus é quente, mas não sabia que era sucursal do inferno! Pernoitamos à bordo, longe do cais.

No dia seguinte, fui visitar a tia que me criara feito mãe, na zona. A única sobrevivente lá havia sido Piedade, a incendiária — puta arranja cada

nome... Minha mãe, digo, minha tia chamava-se Dona Pica, dizia que era por conta da mãe de São Francisco de Assis, e eu digo que não é coincidência que a Itália é avacalhada, desde os primórdios, desde Rômulo e Remo.

Encontrei Piedade toda borrada, com a cara borrada. Aquilo me deu uma tesão. Sobre as cinzas de tudo e de todos, ela me confirmou que desgraça pouca é bobagem. Informado de que eu estaria só no mundo, a carência fez minha tesão subir do ponto que estava. Brincamos.

Piedade foi minha esposa durante 15 abortos naturais, até que nós desistimos de ter filhos. Continuamos coabitando fraternalmente, e, se ela manteve o ofício, foi porque nosso feijão já tinha mais água que pirão de quartel. Casei-me com uma mulher bem saudável, mas que faleceu no primeiro parto; e meu filho, assim como eu, foi criado pela tia. Tia Piedade.

Nhandeara, 31 de março de 2012

DA ALMA E DA MORAL

Ao se observar a matéria, notamos facilmente que esta é animada, movendo-se macro e microscopicamente amiúde. Donde vem a questão do que animaria a matéria, o que seria e como seria a sua alma. Um aparato que exemplifica o ânimo da matéria pode ser o da fileira de dominós derrubando uns aos outros em seqüência: A matéria é animada pela lei de causa e efeito.

A consciência e vontade própria, que são capazes de transgredir a lei de causa e efeito da matéria bruta, desassocia a alma do vivente da matéria. Senão agiríamos sem saber, sem autocrítica, agiríamos como uma reação química ou uma pedra caindo sem dar conta do que estávamos fazendo, à semelhança de um protozoário.

Quando surgem a piedade, a condolência, o Amor enfim, a alma desassociada da matéria é Sentimento, é a Boa-Vontade, é o Verbo: imagem e semelhança de Deus.

A ética racionaliza causa e efeito de modo a reger comportamentos em proveito do conjunto e do indivíduo, sem altruísmo, sem santificação, sem sentimento. Reduz o vivente a matéria bruta, ou, quando muito, a uma fera domada.

Já a moral considera a alma dissociada da matéria, percebe a sutileza que passa batida aos olhares brutos, reconhece que o vivente não é um efeito dominó sem consciência. É a moral, e não a ética, que leva Cristo a se entregar exangue na cruz, é a moral que faz os mártires de todos os tempos e civilizações. É da moral que o Diabo tem medo, porque a moral

não se submete à matéria, ao poder econômico e ao poder político. É a moral que contraria os preceitos dos escribas e fariseus. É a moral que não se corrompe por dinheiro nem retrocede por medo da morte e da dor.

Nhandeara, 8 de abril de 2012

WHATEVERISMO

De que valeu em tudo a eficiência
da técnica na sua glória humana,
se foi vendida a preço de banana
a mesma humana natural decência?

Ou antes, que valeu criar ciência,
da qual um grêmio tolo se ufana,
se a mais subida idéia é sempre insana
havendo um certo pomo por pendência?

Resulta um mundo triste decaído
a espera do seu fim como quem quer:
cínico suicida sim, fingido.

Sentimos: tanto faz o que vier;
após o Paraíso já perdido,
resta-nos encontrá-lo onde estiver.

Nhandeara, 4 de maio de 2012

Haikai da Maré

Vejo, à noite, o mar:
a lua rege a maré,
não rege o luar.

Nhandeara, 22 de maio de 2012

VIVIDO A LÁPIS

Minha vida no planeta
foi vivida e imaginada
sobre folhas de papel,
nas quais um lápis perneta,
contando tudo e bem nada,
conduz-me de déu em déu.

Tomei da borracha agora,
com ela me suicido
no papel, sendo apagado;
desta vida vou embora,
serei pra sempre esquecido,
que escrever não dá babado!

Assim foi que eu comecei
a me apagar no planeta...
Mas o arquivo eu já salvei,
e há uma cópia à caneta!

Nhandeara, 25 de maio de 2012

CRÔNICA EMO

Meu nome é Rhóida, Emo Rhóida, rapaz languidamente pálido, apesar de negro como Michael Jackson, e as músicas que eu vivo a cantar têm um sabor igual, por isso é que se diz “como ele é sentimental”. Tudo começou nos meus 15 anos, quando desataram-se os sangramentos e... veio essa coceirinha, esse comichão, essa coisa de querer botar pra fora... ou pra dentro, sei lá, alargar meus horizontes e curar essa ferida que sangra nos fundilhos do meu âmagô, entende?

Os dias eram chuvosos, eu morava em Pelotas, mas parecia Londres: aquele *fog*, e garoa que nem a paulistana. Na penumbra eu me sentia protegido, feito borboleta no casulo, eu era a borboletinha londrina de Pelotas; no entanto pesava o sentimento do mundo sempre abafado como que por uma crosta de melancolia.

Foi então que, num acampamento, eu conheci Marcolina Schivaròla, uma japonesa de nome italiano, a qual abriu meus olhos. Tendo de defecar, limpei, ocasionalmente com urtiga, o bumbum. Enquanto Marcolina me ensinava a comer com pauzinhos, a urtiga começava a surtir poderoso efeito terapêutico no meu âmagô, refletido em frases lindas, num conluio que unia-nos por um tesudo e voraz ato platônico, tipo o filme *Crepúsculo*.

Acho que a japa não assistiu o filme do vampiro. Não sei por quê, disse que não tinha sangue de barata, e fugiu pro Iraque com um anão do Circo de Pulgas de Carazinho.

Adeus, mundo cruel! Eu só quero um consolo, mas um consolo bem grande, o consolo de Lord Byron, mas também pode ser o de Sir Gaylord: um caixão de pinho, o pau mais vagabundo pra caixão; pois se aquela vagabunda não quis me ter, o pau vai me ter! Por meu olho, que a terra há de comer...

Nhandeara, 29 de agosto de 2010

CABE MIJAR

Ao acordar,
pensei:
cabe mijar...
Mijei.

Ao me cagar,
pensei:
cabe mijar...
Mijei.

Quando a bestar,
bestei:
cabe pensar...
Caguei.

Se, a poetar,

sonhei
velas ao mar...,
morei.

E, a soçobrar,
pensei
longe do mar:
Pensei...

Mas, ao pensar,
sorri,
e descobri
o mar.
— Fazendo xixi
na poça da rua.

Nhandeara, 2 de julho de 2012

SONETO PARALELO

Falar de Amor não vai te dar a prova
de que haja coisa sólida ou concreta
do tipo que a Ciência então não veta
a cerca de um amor que se renova.

Daí, dirá o Eu-lírico: — Uma ova! —,
pois, não se vendo o Amor, vê-se-lhe a seta
que fere o peito e a lira do poeta
em timbres que a audição assaz reprova.

Falar de Deus enseja igual polêmica,
pois, sendo uma abstração de ordem sêmica,
os olhos têm de vê-Lo por indício.

Ainda que O vejamos lá no início,
a tola confiança em nós nos trai,
querendo Deus no céu, e Deus Se vai!

Nhandeara, 30 de julho de 2012

GABY

Gabriela, cravo e canela:
vestida de trapo, é joinha;
descalça e fedendo, é donzela;
pro turco Nassib, é rainha!

Prepara quitutes gostosos,
e os entrega a Nassib no bar,
ao que dizem os invejosos
que ela “entrega” também no lar...

Acontece que Jorge Amado
inventou uma rapariga
das fantasias de abestado;
Ilhéus, em coro, que o diga:

Gabriela, se tem seqüela,
se tem chulé, se tem remela,
se tiver siso ou for banguela,
para Nassib e Jorge, é bela!

Nhandeara, 14 de setembro de 2012

SONETO DO CORINTHIANS

O povo, na esperança, se redime
de toda frustração acumulada
em cada nova aurora mal raiada
às margens do Ipiranga, feito um crime.

O amor de uma nação, assim, se exprime
ao ver a sua esquadra não armada
lutar igual quem luta a fio de espada,
e entanto com mais brio, por ser um time!

Corinthians, time além das quatro linhas,
nação cabendo dentro de um só campo
que, pois, bem engrandeces e amesquinhas.

O coração folclórico destampo
no ritual do meu amor pagão,
dizendo: Vai, vai, vai, vai, vai, Timão!

Nhandeara, 24 de setembro de 2012

O verdadeiro Anarquismo consiste em pensar por conta própria e exercer o bem por conta própria, e não matar por conta própria e roubar por conta própria. (Nhandeara, 12 de outubro de 2012)

No princípio, era o Verbo...

O ato é convencional, a vontade é absoluta. A mesma vontade pode se manifestar diferentemente em atos diversos. Pois todo ato depende da matéria, e resulta de uma vontade. E, se todo ato resulta de uma vontade, no encadeamento de atos e vontades fisiológicas cerebrais, a Origem é uma Vontade sem ato precedente (vontade alheia a qualquer convenção material), que desencadeou todos os atos e vontades fisiológicas cerebrais; portanto, essa Vontade não pode ter origem fisiológica cerebral: a alma do índio botocudo.

Do contrário, o funcionamento cerebral seria algo sem começo, que sempre existiu materialmente? Mas a Matéria existe a partir de quê? Mesmo que a Matéria sempre tenha existido, os atos da Matéria, à semelhança da fisiologia cerebral, têm origem numa Vontade; senão o Universo seria um moto-perpétuo, que é um conceito do Mundo Ideal já exaustivamente descartado do Mundo Material.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito de tudo o que existe.”, diz o capítulo 1 do evangelho de São João.

Nhandeara, 27 de novembro de 2010